



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

CYNARA SODRÉ ARAÚJO NOVAES

**A PSICOSE E OS IMPASSES FRENTE A MATERNIDADE:
UMA LEITURA PSICANALÍTICA**

Salvador
2013

CYNARA SODRÉ ARAÚJO NOVAES

**A PSICOSE E OS IMPASSES FRENTE A MATERNIDADE:
UMA LEITURA PSICANALÍTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia do Desenvolvimento.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Andréa Hortélio Fernandes

Salvador
2013

N935 Novaes, Cynara Sodré Araújo
A psicose e os impasses frente a maternidade: uma leitura psicanalítica /
Cynara Sodré Araújo Novaes. – Salvador, 2013.
93f.

Orientadora: Profª Drª Andréa Hortélio Fernandes
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de
Psicologia, 2013.

1. Psicanálise. 2. Mulher - Psicanálise. 3. Psicoses. 4. Falo.
5. Maternidade. I. Fernandes, Andréa Hortélio. II. Universidade Federal da Bahia,
Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD – 616.8917

CYNARA SODRÉ ARAÚJO NOVAES

**A PSICOSE E OS IMPASSES FRENTE A MATERNIDADE:
UMA LEITURA PSICANALÍTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Andréa Hortélio Fernandes (Orientadora)
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Prof^a. Dr^a. Alba Riva Brito de Almeida
Universidade Estadual da Bahia – UNEB

Prof^a. Dr^a. Cristiane Oliveira Santos
Universidade Federal da Bahia – UFBA

AGRADECIMENTOS

À Deus, causa primária, que consciente ou inconscientemente, percebemos suas manifestações em nós e à nossa volta,

Aos meus pais, pelo carinho e sacrifícios que fizeram para que eu pudesse vir estudar em Salvador,

À Rogério, companheiro querido, pela compreensão, carinho, apoio nos momentos difíceis,

À Andréa, pelas orientações pertinentes, pela paciência com minhas dificuldades e pelas palavras preciosas e decisivas nos momentos cruciais, pelo incentivo constante no enfrentamento dos desafios, por manter um grupo de pesquisa em psicanálise em um contexto tão adverso,

Às colegas do grupo de pesquisa: Cristiane Beserra, Cynara Teixeira, Kelliane de Sá, Lêda Lessa, Vera Edington, Ila Nunes e Shimênia Oliveira, pelo incentivo, pelas sugestões, e perguntas nas discussões do meu projeto,

Às professoras Dr^a. Denise Maria Barreto Coutinho, Prof^a. Dra. Cristiane de Oliveira Santos e à doutoranda Vírginia Carneiro, pelas contribuições nos Seminários de Qualificação,

À professora Prof^a. Dra. Cristiane de Oliveira Santos, com quem fiz o estágio docente, pelo incentivo, pela atenção, pelo cuidado e respeito nesse primeiro encontro com a docência,

À Ivana, funcionária do POSPSI, pela paciência, atenção, disponibilidade,

À Jairo Gerbase, pelas pertinentes contribuições na sessão clínica, que repercutiram para a construção deste trabalho,

Aos queridos e para sempre amigos: Kelber, Grace, Maíra, Cássia e Mariana pelas discussões enriquecedoras no estudo da obra lacaniana.

Ler na borra de café não é ler nos hieróglifos

JACQUES LACAN
O Seminário, livro 3, as psicoses

NOVAES, Cynara Sodré Araújo. A psicose e os impasses frente à maternidade: uma leitura psicanalítica. 96 f. 2013. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

RESUMO

Para a teoria psicanalítica, a partir do ensino lacaniano, a psicose é caracterizada pela forclusão do significante Nome-do-Pai, sendo que uma das consequências da forclusão é a não inscrição na função fálica. Desse modo, situações que façam apelo ao significante foracluído podem provocar o desencadeamento da psicose. Desde Freud, foi estabelecida a relação entre maternidade e atribuição fálica, ou seja, o filho como um substituto fálico para a mãe. Ao estabelecer a inveja do falo como marca do psiquismo das mulheres, Freud propôs a maternidade como condição para a constituição da feminilidade. A relação entre maternidade e atribuição fálica se mantém na perspectiva lacaniana, uma vez que, o filho enquanto substituto fálico permite que a mãe o inscreva no campo do seu desejo, possibilitando a inscrição da criança na linguagem. Contudo, para a teoria lacaniana a mediação do falo não comporta o que diz respeito à mulher. Para o desejo da mãe há um significante que o representa, que é o falo, mas não existe um significante que represente a mulher, o que determina sua posição não-toda referida à função fálica, marcando assim uma disjunção entre mãe e mulher. Estas considerações levaram-me a questionar a maternidade como uma situação que pode provocar o desencadeamento da psicose, pois devido à forclusão do Nome-do-Pai, a mulher na psicose não está inscrita na função fálica. A disjunção entre mãe e mulher conduziu-me ainda a um questionamento sobre a possível posição para a mulher na psicose, uma vez que devido a não inscrição da função fálica, não haveria possibilidade de se posicionar nem como mãe nem como mulher. Na psicose, devido a não inscrição da função fálica o sujeito não tem como se posicionar como homem ou como mulher na partilha sexual. Diante desta impossibilidade, o sujeito pode inventar uma solução delirante a partir do empuxo-à-mulher, o que me levou a analisar o empuxo-à-mulher como uma possível posição para a mulher na psicose. Desse modo, a questão norteadora do presente estudo pode ser formulada do seguinte modo: como uma mulher na psicose pode responder à convocação fálica da maternidade? A análise de um caso clínico de uma mulher que se dizia a mãe da humanidade foi utilizada para abordar essa questão.

Palavras-chave: psicose, falo, maternidade, empuxo-à-mulher, psicanálise

NOVAES, Cynara Sodré Araújo. Psychosis and impasses related to maternity: a psychoanalytic view. 96 p. 2013. Dissertation (Master Degree) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brazil

ABSTRACT

For psychoanalytic theory, since the teaching of Lacan, psychosis is characterized by the foreclosure of the significant name-of-the-father, having as one of its consequences the non-inscription within the phallic function. In this manner, situations which demand the foreclosed significant may provoke the eruption of psychosis. Since Freud, the relationship between motherhood and the phallic attribute had been established or, in other words, the child as a phallic substitute for the mother. While establishing envy of the phallus as the psychic token of women, Freud proposed maternity as the condition for the constitution of femininity. The relationship between maternity and the phallic attribution is maintained in Lacan's perspective, since, the child as a phallic substitute allows the mother to inscribe him within her desire, making possible the inscription of the child within language. However, for Lacan's theory the phallus mediation does not enclose that which is related to women. For the mother's desire there is a significant that represents her which is the phallus, however there is no significant to represent the woman, which determines her position of not-all refereeing to the phallic function, establishing the dis-function between mother and woman. These considerations lead me to question maternity as a situation which may provoke the eruption of psychosis, for due to the foreclosure of the name-of-the-father, a psychotic woman is not inscribed in the phallic function. The dis-junction between mother and woman led me to another question, as to the possible position for a psychotic woman, and due to the non-inscription of the phallic function, if there might be the possibility of positioning herself as neither mother nor woman. In psychosis, due to the non-inscription of phallic function the subject has no way of positioning either as man or as woman within the sexual partage. Facing this difficulty, the subject may create a delirious solution coming from the push-to-be-a woman, which took me to analyze that as a possible position for women within psychosis. In this manner, the guiding question of the present work may be formulated this way: how can a psychotic woman answer the phallic convocation of maternity? The analysis of a clinical case of a woman who said to be the mother of humanity was used to approach this question.

Key-words: psychosis, phallus, maternity, push-to-be-a woman, psychoanalysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fórmulas da sexuação.....	68
--------------------------------------	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1 MÉTODO.....	16
2. “MÃE DA HUMANIDADE”: A ESTRUTURA PSICÓTICA	23
3. “a mãe”: IMPASSES FRENTE À MATERNIDADE.....	40
4. “A MÃE DA HUMANIDADE”: O EMPUXO-À-MULHER.....	57
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	84
ANEXOS.....	89

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo da maternidade começou ainda na graduação, ao participar de uma pesquisa¹, realizada no Serviço de Psicologia da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, sobre a posição subjetiva da mãe e o seu papel na dinâmica familiar de um filho com paralisia cerebral.

Este tema retornou durante a realização de uma especialização. As atividades desenvolvidas no ambulatório de Psicologia do Hospital Juliano Moreira dentro do programa da Especialização, sob a forma de residência, em Psicologia Clínica e Saúde Mental oferecida pela Universidade Federal da Bahia em parceria com o Hospital Juliano Moreira e a Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, propiciaram que viesse a me deparar com casos clínicos permeados por questões referentes à maternidade. Os questionamentos mais freqüentes diziam respeito à frustração e decepção das mães com os filhos e com os maridos que não correspondiam aos seus ideais imaginários, assim como a insatisfação consigo mesmas nos seus papéis de mães, e, ainda, sonhos perdidos, desejos interrompidos resultantes de renúncias a que se impuseram ao assumirem a maternidade.

As atividades práticas nos diversos serviços do Hospital Juliano Moreira, como o Serviço de Emergência Triagem e Acolhimento, Internação, Hospital-dia, além do Ambulatório de Psicologia possibilitou meu contato com sujeitos psicóticos. A partir da escuta desses sujeitos despertou meu interesse sobre o tema da

¹ Os resultados dessa pesquisa foram publicados em ARAÚJO, M.A.N. (2004). Fronteira entre a Psicologia e a Fisioterapia. In: **Temas multidisciplinares de neuropsicologia e aprendizagem**. São Paulo: Robe Editorial.

maternidade na psicose, permitindo questionar que implicações a estrutura psicótica pode ter na maneira como é subjetivada a maternidade.

A transição para a maternidade é considerada como um processo importante na vida da mulher e implica mudanças psicológicas, biológicas, assim como, nas relações sociais devido ao próprio processo de maternagem, mas também frente às demandas advindas da valorização cultural atribuída ao papel da mãe (URPIA, 2009).

No campo da psiquiatria, o puerpério ou pós-parto, dentre as fases da vida da mulher, é descrito como “o período de maior vulnerabilidade para o aparecimento de transtornos psiquiátricos” (CANTILINO et al., 2010, p. 288). A psicose puerperal ou psicose pós-parto, por exemplo, é considerada um quadro grave devido à alta incidência de suicídio e risco de infanticídio, podendo ser necessária a internação hospitalar (CAMACHO et. al., 2006; CANTINILO et al., 2010).

No que se refere à necessidade de internação hospitalar nos casos de psicose, não se pode desconsiderar que a forma de assistência aos transtornos psiquiátricos mudou sensivelmente nos últimos anos. No Brasil, nos últimos dez anos, foram implantados cerca de mil Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), serviço de atendimento à saúde mental criado para substituir o modelo hospitalocêntrico (BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010). Esse serviço é essencial para a mudança da assistência à saúde mental e consolidação da reforma psiquiátrica brasileira, que ampliou suas perspectivas ao assumir uma posição crítica em relação ao saber psiquiátrico, configurando-se um processo inovador “permeado por inúmeras iniciativas práticas de transformação [...] e uma emergente produção teórica, na qual novas questões surgem no cenário do campo da saúde mental” (AMARANTE, 1996, p. 14). Dessa forma, impôs-se a necessidade de pesquisas que

contribuam para ampliar a reflexão sobre as concepções da loucura, possibilitando embasamento científico para a construção de propostas de intervenção.

Nessa perspectiva, um dos principais desafios consiste na formação técnica e teórica dos trabalhadores de saúde mental que permita superar o paradigma da tutela do louco. Na busca de enfrentar esses desafios, o Ministério da Saúde vem financiando cursos de especialização, programas de residências médicas e multiprofissionais (BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2007). Além disso, o Ministério da Saúde propôs sensibilizar profissionais de saúde para “uma discussão mais densa sobre esta problemática, e o estabelecimento de diretrizes de atenção à saúde mental da mulher” (BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2007, p. 54).

Diante do exposto, evidencio a relevância social que constitui o estudo das repercussões da maternidade em mulheres de estrutura psicótica.

Ainda sobre a reforma psiquiátrica, uma de suas principais dimensões refere-se à crítica às concepções sobre a loucura enquanto doença, incapacidade, perda da razão que têm como consequência a exclusão do sujeito do convívio social, a cassação de seus direitos e de sua cidadania, tornando-o mero objeto de estudo e cuidados (AMARANTE, 2001). Nesse sentido, a teoria psicanalítica permite abordar a loucura sob essa perspectiva crítica. Freud ([1911]2010) inicia essa perspectiva ao afirmar que o delírio é uma tentativa de cura do sujeito na psicose, afirmação que subverte o saber psiquiátrico de sua época que considerava o delírio como um sintoma patológico a ser eliminado. Contudo, apesar desta inovação, Freud ([1904/1905]1989) considerava o tratamento psicanalítico impróprio para os casos de psicose, mas não descartou que através de modificações na técnica o tratamento pudesse ser ampliado para esses casos.

Nessa direção, Jacques Lacan retoma as orientações dadas por Freud e avança ao propor um tratamento psicanalítico possível para a psicose. Para a teoria lacaniana o estado do sujeito, louco ou não louco, psicótico ou neurótico, respectivamente, diz respeito às formas particulares de inscrição no mundo da linguagem, lugar que lhe permite formular a questão sobre a sua existência: “ser homem ou mulher, por um lado, e por outro, ao fato que poderia não sê-lo, os dois conjugando seu mistério e enlaçando-o aos símbolos da procriação e da morte” (LACAN, [1957/1958]1998, p. 555-556).

Neurose e psicose constituem-se, dessa forma, na “relação com o significante, obra da linguagem” (SOLER, 2007, p.11). A diferença consiste na ausência, na psicose, da inscrição do significante Nome-do-Pai e de seu efeito metafórico, marcando a forma de constituição na linguagem. Assim, a psicose não está fora da ordem, nem numa desordem, há sim “uma ordem do sujeito decerto subvertida em relação ao que é a ordem do sujeito neurótico, mas, ainda assim, uma ordem” (SOLER, 2007, p. 12).

O psicótico, devido a esta ausência, não dispõe dos mesmos recursos simbólicos frente às questões da existência dificultando a formação de laços sociais. Assim, certas situações, por exemplo, mudanças corporais e subjetivas nos diversos momentos da vida como adolescência, maternidade, perdas simbólicas ou reais, dentre outras, podem ocasionar conflitos e sofrimentos intensos.

No que se refere à maternidade, a questão da inveja do pênis/falo como marca do psiquismo das mulheres levou Freud ([1924]2011; [1931]2011) a considerar a maternidade como a saída para a feminilidade, mediante a uma equação simbólica falo-bebê, na qual a mãe compensaria sua renúncia ao falo. Na perspectiva lacaniana, entretanto, a mediação do falo não comporta o que diz

respeito à mulher. Para o desejo da mãe há um significante que o representa, que é o falo, mas não existe um significante que represente a mulher, fundamento da proposição lacaniana de que *A Mulher não existe*. A posição da mulher é não-toda referida à função fálica. Conforme Lacan ([1972/1973]1985, p. 100) “não é porque ela é não-toda na função fálica que ela deixe de estar nela de todo.” Desse modo, marca uma disjunção entre mãe e mulher.

Contudo, para a perspectiva lacaniana a relação entre maternidade e falo se mantém, visto que o filho enquanto substituto fálico permite que a mãe o inscreva no campo do seu desejo, possibilitando seu acesso a linguagem. Essa relação maternidade e falo levou-me a questionar as implicações dessa relação para o sujeito feminino na psicose, visto que devido a forclusão do Nome-do-Pai, não há inscrição na significação fálica.

Por outro lado, essa disjunção entre mãe e mulher possibilitou-me questionar também qual a posição possível para o sujeito feminino na psicose, se devido à ausência da significação fálica, como mãe não seria possível, tampouco na posição não-toda mulher. Campbell da Gama (2009) considera que diante da impossibilidade do sujeito na psicose se posicionar na partilha sexual, ele pode “inventar uma solução; uma delas pode ser o trabalho feito em torno do empuxo-à-mulher” (CAMPBELL DA GAMA, 2009, p. 44-45). Essa proposição de Campbell da Gama (2009), levou-me a analisar o empuxo-à-mulher como uma posição possível para o sujeito feminino na psicose.

O empuxo-à-mulher foi utilizado por Lacan para tratar do fenômeno de transformação em mulher para gerar com Deus uma nova humanidade presente na construção delirante de Paul Daniel Schreber. O caso Schreber, como ficou conhecido, foi objeto de estudo de Freud, e também de Lacan, através do livro

autobiográfico onde Schreber narra a história de seu adoecimento e sofrimento psíquico. Contudo, Lacan ([1973]2003) utilizou esse termo uma única vez no texto intitulado *O Aturdido*, o que coloca uma dificuldade no estudo sobre o empuxo-à-mulher. Por outro lado, se empuxo-à-mulher tem como causa a não inscrição do psicótico na lógica fálica se constitui então como um elemento estrutural, o que determina a relevância do seu estudo.

Diante do exposto, a questão que norteou a condução deste estudo foi formulada da seguinte maneira: como uma mulher na psicose pode responder à convocação fálica da maternidade? Esta questão é abordada a partir de um caso clínico.

A construção do caso clínico do presente trabalho ocorreu a partir da escuta de uma mulher, encaminhada para atendimento no ambulatório de psicologia após alta de sua primeira internação em uma instituição psiquiátrica. Os atendimentos duraram quase dois anos, e neste período houve outro desencadeamento da psicose e ela foi internada novamente. A escolha deste caso se deve aos seguintes elementos: antes de sua primeira internação, após realizar uma cirurgia, ela ouviu uma voz que lhe dizia que ela era a mãe do mundo. O segundo desencadeamento da psicose ocorreu após saber que a amante do marido estava grávida. Neste segundo momento, no seu dizer, ela era a mãe da humanidade e Jesus, Jeová, Amém eram seus filhos, assim como seu próprio marido. Desse modo, escolhi este caso por que me pareceu que diante dos elementos expostos poderia contribuir para o estudo dos impasses frente à maternidade para o sujeito feminino na psicose. Para me referir ao sujeito deste caso clínico utilizarei o significante Maria.

Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo geral examinar o desencadeamento da psicose frente à convocação fálica da maternidade, tomando o

empuxo-à-mulher como uma posição possível frente a disjunção mãe e mulher. Os objetivos específicos que a pesquisa buscou contemplar foram: examinar as formulações de Freud e Lacan sobre o falo e sua relação com a maternidade; analisar as teorias de Lacan sobre a psicose em relação aos impasses frente à maternidade; identificar a manifestação do empuxo-à-mulher diante da convocação fálica feita pela maternidade.

1.1 MÉTODO

A psicanálise é ao mesmo tempo “[...] um procedimento para investigação de processos psíquicos [...]; um método de tratamento [...]; [e] uma série de conhecimentos psicológicos adquiridos dessa forma, que gradualmente passam a constituir uma nova disciplina científica” (FREUD, [1923]2011, p. 274). A partir dessa definição de Freud, vários autores como Sauret (2003), Nogueira (2004), Mezan (2006), Figueiredo e Minerbo (2006), Dunker (2008), dentre outros, abordam a questão da pesquisa em psicanálise com o objetivo de demonstrar, discutir e marcar a especificidade da pesquisa em psicanálise, assim como de seu método.

Um dos aspectos dessa discussão refere-se à clínica como campo privilegiado da pesquisa em psicanálise. Nesse sentido, Figueiredo e Machado (2000) afirmam que a pesquisa em psicanálise deve visar à construção de “um saber que não seja apenas *sobre* a psicanálise em seus fundamentos teóricos, e sim *a partir* da clínica psicanalítica (FIGUEIREDO; MACHADO, 2000, p. 66)”. Segundo Figueiredo, Nobre e Vieira (2002) é nessa junção entre teoria e prática clínica que os conceitos que fundamentam a teoria psicanalítica podem ser colocados à prova.

Por outro lado, a ênfase na clínica pode levar a conclusão de que essa é a única forma de fazer pesquisa em psicanálise. Entretanto, Freud ([1919]1989) já havia estabelecido modos distintos de pesquisa: 1) a partir da psicanálise, isto é, da prática clínica, 2) sobre a psicanálise, ou seja, sobre os conceitos e fundamentos psicanalíticos. Assim, ele buscou ampliar a aplicação da psicanálise para a “solução de problemas da arte, da filosofia e da religião” (FREUD, [1919]1989, p. 219).

Mezan (2006) ressalta que embora existam diversos procedimentos de investigação ditos psicanalíticos, é imprescindível separar as pesquisas que tenham temas psicanalíticos ou sobre a psicanálise da pesquisa psicanalítica. Dessa forma, Mezan (2006, p. 231-232) afirma que

Interessar-se por um problema e descobrir o que já foi dito a respeito é pesquisa, mas não *psicanalítica*, embora o tema possa sê-lo (digamos, a contratransferência ou a anorexia). O termo “pesquisa conceitual” me parece bastante confuso: se significa traçar a evolução de um conceito ou discutir sua esfera de aplicação, será uma pesquisa histórica ou epistemológica, mas não psicanalítica. Não é porque um texto fala sobre Freud ou sobre Lacan que é psicanalítico: há excelentes obras de filósofos, biógrafos e historiadores das ideias que nos ensinam muito sobre eles e sobre seus escritos [...].

Figueiredo e Minerbo (2006) também estabelecem essa diferença, contudo utilizam a expressão pesquisa em psicanálise para designar as pesquisas que tomam as teorias psicanalíticas como objeto de estudo sistemático, históricos ou epistemológicos, e aquelas que utilizam os conceitos psicanalíticos para a investigação de fatos sociais. Para a pesquisa psicanalítica propriamente dita acrescentam: método psicanalítico, isto é, pesquisa em psicanálise com o método psicanalítico, que “podem ter como alvo, entre outros, processos socioculturais e/ou fenômenos psíquicos transcorridos e contemplados fora de uma situação analítica no sentido estrito” (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006, p. 259).

Segundo Mezan (2006) a especificidade da pesquisa em psicanálise está na utilização dos conceitos psicanalíticos para investigar uma questão. Os diversos temas investigados são, conforme Mezan (2006, p. 233),

como raios de uma roda cujo centro é a clínica *stricto sensu*, a qual se encontra presente mais explicitamente em algumas, mais indiretamente em outras. Pois é nela e dela que surgem os conceitos cardeais da psicanálise, os instrumentos com que opera qualquer pesquisa em nossa disciplina.

Entretanto, a pesquisa em psicanálise a partir da prática clínica não se restringe ao relato clínico, nem tampouco em um “forçamento” do caso à teoria ou desta ao caso. Figueiredo (2004) ressalta a especificidade da construção do caso em psicanálise ao afirmar que se trata de um “(re)arranjo dos elementos do discurso do sujeito” (FIGUEIREDO, 2004, p. 79), onde também estão incluídas suas ações visto que elas são norteadas pela posição do sujeito no discurso. Figueiredo (2004, p.79) destaca também que:

o caso não é o sujeito, é uma construção com base nos elementos que recolhemos de seu discurso, que também nos permitem inferir sua posição subjetiva, [...] podemos retomar sua localização baseando-nos nesses indicadores colhidos, do dito ao dizer. Aqui temos um método aplicável a diferentes contextos clínicos.

De acordo com Figueiredo (2004) o método para a construção do caso clínico segue os seguintes balizadores: 1) História↔Caso: consiste em passar da história, ou seja, do relato clínico em seus detalhes, para o caso clínico construído a partir da extração dos elementos da história que permitam inferir a posição do sujeito no discurso, assim como suas produções a partir das intervenções realizadas durante os atendimentos. A passagem da história ao caso estabelece, segundo Figueiredo (2004, p. 79),

[...] a idéia de uma formalização necessária do relato que não se reduz a uma teorização formal nem a uma elaboração de saber sobre os problemas do paciente. Pelo contrário, trata-se sim de colocar em jogo os significantes do sujeito, suas produções com

base na elaboração em análise, e a resposta do analista em seu ato com os efeitos que daí advenham [...], visando decantar a história e traçar o caso a partir do discurso. Só assim será possível recolher dos infindáveis detalhes de uma história a direção de um caso. Enfim, uma história deve se fazer caso para que se possa trabalhar em psicanálise.

O segundo balizador diz respeito a Supervisão↔Construção. Figueiredo (2004) propõe uma diferença entre supervisão e construção, ainda que essa última guarde semelhanças com a primeira. A supervisão está pautada no modelo aprendiz/aluno, enquanto que na construção a discussão do caso clínico continua e retorna sobre o pesquisador em sua condição de sujeito, e nesse ponto assemelha-se à supervisão, para em seguida passar para a reapropriação do saber. Figueiredo (2004, p. 80) conclui que:

Finalmente, este saber que é depositado é um produto. Este produto é o ponto de basta feito pelo pesquisador na condição de analista/praticante. O entrelaçamento das funções de sujeito, pesquisador, analista rompe qualquer fixidez de posição diante do saber. Portanto, sustentamos a construção – e não a super-visão – manejando os impasses que atravessam o cotidiano de nossa prática, apostando na formalização possível de seus princípios.

Não cabe aqui discutir as características da supervisão em psicanálise, bem como a supervisão e/ou construção realizadas em equipes multiprofissionais de saúde mental, esta última o foco da proposta de Figueiredo (2004). Essas diferenças não são aprofundadas pela autora, mas é possível inferir que ela faz essa distinção para circunstanciar a aplicação de seu método em equipes multiprofissionais de saúde mental, portanto, em um contexto onde circulam diversos saberes. Para fundamentar esse argumento, conforme Figueiredo (2004, p. 77):

Torna-se necessária uma proposta que contemple diferentes formações profissionais e, conseqüentemente, diferentes referências teóricas, de modo a não reduzir os instrumentos clínicos da psicanálise a uma banalização de seu uso ou a uma supervalorização de seus conceitos. Formulando de outro modo: é preciso localizar qual seria a contribuição específica da psicanálise hoje para a psicopatologia e para a saúde mental. [...] No campo da

saúde mental teríamos ainda uma questão de fundo, a saber: como constituir um solo comum de trabalho para diferentes profissionais que não teriam qualquer compromisso com uma formação em psicanálise, mas poderiam se valer de sua contribuição? (FIGUEIREDO, 2004, p. 77).

A construção do caso clínico do presente trabalho foi realizada a partir das discussões com a professora doutora Andréa Hortélio Fernandes. Essas discussões foram facilitadas pelo fato de que, durante o período das minhas atividades na residência em Psicologia Clínica e Saúde Mental, a professora doutora Andréa Hortélio Fernandes atuou como minha supervisora. Ela também orientou meu trabalho na elaboração da monografia, apresentada à referida especialização como requisito parcial para a obtenção do título de especialista, e que teve como título: *A mãe da humanidade: elaborações sobre o diagnóstico orientado pela psicanálise*.

O caso clínico escolhido para a presente dissertação também foi utilizado na monografia acima referida. Contudo, sob outra perspectiva, visto que na monografia o objetivo foi demonstrar a construção do diagnóstico a partir da psicanálise, e a escolha do caso ocorreu em função de uma dúvida inicial quanto ao diagnóstico, a saber: histeria ou psicose. Além das supervisões, este caso foi levado para discussão nas sessões clínicas² da residência.

Ressalto também que o caso construído para a monografia e o caso que foi construído no presente trabalho difere um do outro, apesar de partirem da história do mesmo sujeito. Na monografia, extraí elementos que permitiram discutir a questão do diagnóstico em psicanálise. Para a presente dissertação de mestrado busquei os elementos que possibilitassem analisar os impasses frente à maternidade e o empuxo-à-mulher.

² A sessão clínica é um dispositivo da Residência em Psicologia Clínica e Saúde Mental, na qual um residente apresenta um caso clínico articulado à teoria e um psicanalista é convidado para debater sobre o caso.

Por fim, o terceiro balizador Conceito↔Distinções, que parte da constatação de Figueiredo (2004) da necessidade de fazer algumas distinções para possibilitar a condução do caso, colocando os conceitos psicanalíticos “em questão a cada passo” (FIGUEIREDO, 2004, p. 80).

Nesse sentido, um dos desafios desta pesquisa foi a definição do empuxo-à-mulher visto que, como dito anteriormente, Lacan ([1973]2003) utilizou esse termo uma única vez no texto *Aturdito*. Um desafio que convoca ao trabalho e aponta para a relevância da pesquisa ao dedicar-se a esse tema.

A escolha da construção de caso clínico está fundamentada ainda na possibilidade de que através da escrita do caso é possível “recolher da experiência clínica seus elementos de base para podermos reter dessa experiência algo transmissível e avaliável de cada caso” (FIGUEIREDO, 2004, p. 79). Porém, segundo Vorcaro (2010) mesmo que a escrita do caso se pretenda a produção e transmissão de um saber, na pesquisa em psicanálise o caso clínico não tem a função de demonstrar, nem de ser um caso exemplar. Disso decorre que, ainda segundo Vorcaro (2010, p. 49)

a função da escrita da clínica psicanalítica: [é] interrogar o que ela tem de imaginário e de aleatório para, ao reduzir a montagem consistente que adquire, surpreender, testemunhar e transmitir o singular do sujeito e do ato psicanalítico.

Ressalto ainda que busquei extrair da história do sujeito elementos que permitissem a construção do caso clínico, mas também sempre visando garantir o anonimato desse sujeito. E em respeito à Resolução nº. 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta e determina as diretrizes e normas de pesquisas envolvendo seres humanos, bem como ao Código de Ética Profissional

do Psicólogo, publicado em agosto de 2005, esta pesquisa foi submetida à avaliação e foi aprovada pelo Comitê de Ética da Maternidade Climério de Oliveira³.

Sendo assim, o presente trabalho está desenvolvido da seguinte maneira: no capítulo dois, Mãe da Humanidade: a estrutura psicótica, descrevo a constituição do sujeito na psicose, para isso analiso a forclusão do Nome-do-Pai, mecanismo específico da psicose, além de abordar as condições do desencadeamento da psicose. Examino também as situações que levaram ao desencadeamento da psicose no caso clínico Maria.

No capítulo seguinte, a mãe: impasses frente à maternidade, descrevo as relações maternidade e falo em Freud e Lacan para delinear como a maternidade pode provocar o desencadeamento da psicose; através de um fragmento do caso Aimée, caso trabalhado por Lacan na sua tese de doutorado em psiquiatria, analiso como o nascimento de um filho pode provocar o desencadeamento da psicose; examino outros dois fragmentos de caso apresentados por Lacan nos quais ele demonstra como as fantasias de gravidez e de procriação colocam em causa o significante Nome-do-Pai. Desse modo, analiso no caso Maria de que modo a gravidez da amante do marido coloca em causa este significante.

E no terceiro capítulo, A Mãe da Humanidade: o empuxo-à-mulher, a partir das referências encontradas nos textos de Lacan, proponho uma definição do empuxo-à-mulher, para isso utilizei alguns fragmentos do caso Schreber, para em seguida analisar a manifestação do empuxo-à-mulher no caso Maria. Finalizando, faço algumas considerações sobre este estudo além de propor alguns desenvolvimentos futuros.

³ Número do Parecer: 198.910

2 MÃE DA HUMANIDADE: A ESTRUTURA PSICÓTICA

A teoria lacaniana trata a estruturação do sujeito a partir de sua inscrição na linguagem, “[...] o estado do sujeito S (neurose ou psicose) depende do que se desenrola no Outro A. O que se desenrola nele articula-se como um discurso (o inconsciente é o discurso do Outro) [...]” (LACAN, [1957/1958]1998, p. 555). Logo, o sujeito não é causa de si mesmo, ele é causado, a estrutura de linguagem preexiste ao sujeito na qual ele está inscrito em seu nascimento pelo menos na forma de seu nome próprio (LACAN, [1957]1998).

Um mundo de linguagem que existe antes do nascimento do ser e continuará após a sua morte, através da escrita do nome na lápide funerária, por exemplo. A constituição do sujeito depende, então, da linguagem. Segundo Lacan ([1954/1955]1985, p. 302) “Nunca se sabe o que pode acontecer com uma realidade até o momento em que se a reduziu definitivamente a inscrever-se numa linguagem”.

Não é possível saber sobre o sujeito até que ele fale, não qualquer fala, mas uma fala endereçada a alguém. É o princípio da experiência psicanalítica, um sujeito que endereça sua fala a um outro que escuta. Princípio que está na constituição do ser humano e que Lacan enfatiza como a condição essencial que difere o homem dos animais: o fato do homem ser falante. Foi o que o ensino lacaniano insistiu na sua proposta de retorno a Freud ao afirmar que “[...] é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente” (LACAN, [1957]1998, p. 498), ou ainda no texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, cujo título não deixa dúvidas do que se trata na retomada do texto freudiano:

Pois a descoberta de Freud é a do campo das incidências, na natureza do homem, de suas relações com a ordem simbólica⁴, e do retomar de seu sentido às instâncias mais radicais da simbolização do ser. Desconhecer isso é condenar a descoberta ao esquecimento, a experiência à ruína. (LACAN, [1953]1998, p. 276).

O Outro, portanto, do qual depende o que acontece no sujeito, é o lugar da linguagem, da fala, do inconsciente. “O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer” (LACAN, [1964]1998, p. 193-194). Desse modo, enquanto lugar, o Outro não é o outro semelhante, as pessoas do papai e da mamãe ou quem quer que seja. “É verdadeiro que o grande Outro exerce seu poder sobre o sujeito por intermédio de um arauto, mas um arauto não é um monarca” (GERBASE, 2010, p. 26). Um arauto é um oficial que representa o rei, um porta-voz, um mensageiro, um representante, por isso o Outro não pode ser reduzido aos outros. O Outro é o lugar “[...] de onde vêm as determinações simbólicas da história do sujeito. É o arquivo dos ditos de todos os outros que foram importantes para o sujeito em sua infância e até mesmo antes de ter nascido” (QUINET, 2012, p. 21).

O pai e a mãe têm aí uma função importante. Antes do nascimento, por exemplo, a criança é falada pelos pais e nesse discurso está circunscrito, portanto, um lugar para ela. Logo após o nascimento, são esses outros dos quais a criança depende que falam por ela. A criança chora, por exemplo, e esses outros nomeiam o choro: fome, sede, dor. A partir daí a criança, por intermédio deles, vai tendo acesso às coisas, aos objetos, as palavras, ao aprendizado da língua para que possa ela mesma falar. Mas, os pais são arautos do Outro.

⁴ Junto com o imaginário e o real formam os três registros psíquicos. Real é o registro do não-senso, o que escapa à linguagem; o imaginário, o registro das relações duais com a imagem do outro, e o simbólico o da fala e da linguagem.

Sendo assim, para que o sujeito possa advir é necessária, inicialmente, a inscrição na linguagem. Lacan ([1964]1998) formalizou a constituição do sujeito através de duas operações: alienação e separação. A alienação consiste num tipo de escolha forçada. A bolsa ou a vida, metáfora utilizada por Lacan ([1964]1998), se a escolha for a bolsa perde-se as duas, e se escolher a vida fica sem a bolsa. É uma escolha forçada, pois em qualquer um das alternativas, a bolsa ou a vida, “há por consequência um *nem um, nem outro*. A escolha aí é apenas a de saber se a gente pretende guardar uma das partes, a outra desaparecendo em cada caso” (LACAN, [1964]1998, p. 200). Logo, só há uma escolha: a vida sem a bolsa, uma “vida decepada” (LACAN, [1964]1998, p. 201).

Então, nessa relação do sujeito com o Outro, do lado do sujeito está o ser e, do outro lado, no campo do Outro está o sentido. Escolhe-se o ser e o sujeito desaparece, cai no não sentido, no não-senso, no real, e, portanto, fora de qualquer linguagem. A escolha pelo sentido implica na perda do ser uma vez que o sujeito não pode ser inteiramente representado no campo do Outro, “[...] o sentido só subsiste decepado dessa parte de não-senso que é, falando propriamente, o que constitui na realização do sujeito, o inconsciente” (LACAN, [1964]1998, p. 200). Desse modo, a alienação consiste em uma operação que:

[...] condena o sujeito a só aparecer nessa divisão que venho me parece, de articular suficientemente ao dizer que se ele aparece de um lado como sentido, produzido pelo significante, do outro ele aparece como *afânise*. (LACAN, [1964]1998, p. 199).

Se nessa operação há uma escolha forçada, o que implica na alienação aos significantes do Outro, a qual nenhum sujeito falante pode evitar, a separação pode ou não estar presente. Para que a separação seja possível é preciso uma condição no Outro: a dimensão do desejo que é apreendido pelo sujeito nas lacunas do discurso do Outro.

O desejo do Outro é apreendido pelo sujeito naquilo que não cola, nas faltas do discurso do Outro, e todos os *por-quês?* da criança testemunham menos de uma avidez da razão das coisas do que constituem uma colocação em prova do adulto, um '*porque será que você me diz isso?*' sempre re-suscitado de seu fundo, que é o enigma do desejo do adulto. (LACAN, [1964]1998, p. 203).

Assim, ao encontrar a falta no Outro, surge na experiência do sujeito a possibilidade de ir para além do que o Outro diz, pois lhe é possível questionar o enigma do desejo do Outro: “Que queres?”, “O que sou eu para o Outro?”, “O que ele quer de mim?”, “Pode ele me perder?”. Esses questionamentos, que advêm ao se deparar com a falta no Outro, possibilita ao sujeito perceber-se separado do Outro, ao qual estava alienado. Essa falta percebida no Outro retorna para o sujeito que, então, depara-se com sua própria falta, o que o introduz no campo do desejo e possibilita sair dessa condição de assujeitamento ao discurso do Outro. “Uma falta recobre a outra” (LACAN, [1964]1998, p. 203) no sentido de que “É uma falta engendrada pelo tempo precedente [da alienação] que serve para responder à falta suscitada pelo tempo seguinte [da separação]” (LACAN, [1964]1998, p. 203).

A relação de dependência do sujeito com o Outro inscreve, portanto, no sujeito uma falta, devido ao “[...] fato de que o sujeito depende do significante e de que o significante está primeiro no campo do Outro” (LACAN, [1964]1998, p. 194-195). Mas, o sujeito ao ser representado pelo significante, algo fica fora dessa representação, ou seja, o sujeito ao ser representado por um significante para outro significante implica nesse resto não representável.

A operação de separação deixa, então, um resto, que é o que do campo do Outro cai como objeto (objeto *a*), que daí por diante causará o desejo no sujeito, objeto esse para sempre perdido, mas para sempre buscado. “É na relação complexa do sujeito com o objeto *a* [...] que o sujeito obtém uma sensação fantasmática de completude, preenchimento, satisfação e bem-estar” (FINK, 1998, p.

83). Nesse sentido, esse objeto é o que o sujeito conserva do Outro como forma de manter, na fantasia, algo de sua suposta existência de unidade, de completude, visto que sua causa primeira está no Outro e não nele mesmo (FINK, 1998).

Desse modo, para a psicanálise o sujeito não se confunde com o indivíduo, uma vez que essa palavra carrega em sua raiz etimológica a noção de um, de indivisível. Também não tem identidade, visto que ele é representado por significantes do Outro. Tampouco é o sujeito da razão, da consciência ou do conhecimento. O sujeito com o qual a psicanálise opera

[...] não é substância: o sujeito é um efeito do significante. O sujeito é representado por um significante, e antes do surgimento do significante não existe sujeito. Mas o fato de não existir sujeito não quer dizer que não exista nada, porque pode existir um vivo, mas este ser vivo se torna um sujeito somente quando um significante o representa. (SOLER, 1998, p. 56).

As duas operações de causação do sujeito, alienação e separação, inscrevem no sujeito “a divisão que o acompanhará por toda a vida e que se manifestará independentemente da sua vontade” (RIBEIRO, 2012, p. 126). O fato da constituição do sujeito correr no lugar do Outro determina que “a característica do sujeito do inconsciente é a de estar, sob o significante que desenvolve suas redes, suas cadeias e sua história, num lugar indeterminado” (LACAN, [1964]1998, p. 198).

O sujeito também não é o eu. Lacan ([1954/1955]1985) destaca que há pelo menos dois outros: o Outro e o outro que é o eu. Esse eu é uma construção imaginária, uma vez que é formado numa relação especular com a imagem do outro semelhante. O eu é constituído a partir do estádio do espelho, uma construção que Lacan utilizou para falar do momento lógico que marca a transformação produzida no sujeito ao assumir uma imagem especular (LACAN, [1949]1998).

Sendo assim, se a constituição do sujeito depende do que se desenrola no Outro, o que acontece no Outro, do qual depende o sujeito, que resulta na psicose?

Retomando a explicitação anterior, a alienação é uma operação a qual nenhum sujeito por ser falante pode escapar, está, assim, para todo ser humano. Mas a separação pode ou não acontecer uma vez que implica uma condição no Outro. Por sua vez, a condição essencial da psicose: a forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro e o fracasso da metáfora paterna, impossibilita a condição para que a separação possa ocorrer.

A forclusão é o mecanismo específico da psicose que significa a não inscrição no simbólico de um significante fundamental, o significante Nome-do-Pai. Esse significante é fundamental “[...] no que ele funda como tal o fato de existir a lei, ou seja, a articulação numa certa ordem do significante – complexo de Édipo, ou lei do Édipo, ou lei da proibição da mãe” (LACAN, [1957/1958]1999, p. 153). Lacan ([1957/1958]1999) ressalta que na teoria freudiana é o pai que é simbolizado enquanto representante da lei após seu assassinato.

É precisamente isso que é expresso por esse mito necessário ao pensamento de Freud que é o mito de Édipo. [...] É necessário que ele mesmo forneça a origem da lei sob essa forma mítica. Para que haja alguma coisa que faz com que a lei seja fundada no pai, é preciso haver o assassinato do pai. As duas coisas estão estreitamente ligadas – o pai como aquele que promulga a lei é o pai morto, isto é, o símbolo do pai. O pai morto é o Nome-do-Pai [...]. (LACAN, [1957/1958]1999, p. 152)

Nesse sentido, o Nome-do-Pai é o pai simbólico que significa a lei de proibição do incesto, e institui assim o processo de filiação do sujeito. O Nome-do-Pai é um significante que introduz o sujeito no campo do desejo, sua “[...] função é unir um desejo à lei [...]” (BARROS, 2005, p. 93). Vale ressaltar, conforme destaca Barros (2005) que o Nome-do-Pai não está, portanto, circunscrito ao ato do registro civil, no qual a criança é reconhecida pelo pai como sua filha e lhe dá seu nome.

O significante Nome-do-Pai se inscreve ao substituir o significante materno, ou seja, é a “metáfora do Nome-do-Pai [...] que coloca esse Nome em substituição

ao lugar primeiramente simbolizado pela operação da ausência da mãe” (LACAN, [1957/1958]1998, p. 563). Essa simbolização surge nas idas e vindas da mãe, na ausência e presença ou, conforme descrito anteriormente, nas falhas do discurso do Outro, que permite ao sujeito questionar o que significa essas idas e vindas da mãe, apontando para a criança que a mãe deseja outra coisa, e que o significado dessa outra coisa é o falo (LACAN, [1957/1958]1999). A substituição de um significante por outro “produz um efeito de significação” (LACAN, [1957]1998, p. 519), isto é, a significação fálica que permite ao sujeito assumir sua posição no simbólico como homem ou como mulher. O significante Nome-do-Pai é, assim, o fundamento da inscrição do sujeito na ordem simbólica.

Na neurose, portanto, há inscrição do significante Nome-do-Pai no lugar do Outro, sendo que o significante do desejo da mãe é recalcado ao ser substituído pelo significante Nome-do-Pai. Essa inscrição, ao barrar o desejo do Outro, marca ali uma falta, o sujeito tenta encobrir essa falta através da mensagem cifrada do sintoma (SOLER, 2007).

Na psicose, devido à foraclusão, o Nome-do-Pai não pode advir no lugar do Outro. Lacan ([1957/1958]1998) define a foraclusão como um acidente no registro da simbolização devido a não inscrição desse significante primordial, logo o processo metafórico não se opera e, conseqüentemente, não se produz a significação fálica. Desse modo, a foraclusão deixa no “[...] Outro um puro e simples furo, o qual pela carência do efeito metafórico provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica” (LACAN, [1957/1958]1998, p. 564).

Então, se a foraclusão incide nesse registro da simbolização, não se institui a dimensão da falta no Outro que permite ao sujeito questionar o enigma do desejo do Outro e, através da metáfora, produzir uma significação para esse desejo. A

ausência do significante Nome-do-Pai não possibilita que o significante represente o sujeito para outro significante e, desse modo, o sujeito permanece aprisionado aos significantes do Outro. A identificação ao significante, contudo, reduz “o sujeito a não ser mais nada do que um significante, petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito” (LACAN, [1964]1998, p. 197).

Nesse sentido, o sujeito na psicose aparece como sentido do Outro, como todo ser humano por ser falante, mas a forclusão designa outra maneira do sujeito estar na linguagem. Dito de outra maneira, se o significante Nome-do-Pai é o fundamento do simbólico, a forclusão não implica, entretanto, que a psicose esteja fora da linguagem, mas especifica um modo particular de “estar” na linguagem, visto que é “[...] a relação do sujeito com o significante que distingue os próprios fenômenos da psicose [...]” (LACAN, [1955/1956]2002, p. 181). Os fenômenos de linguagem como mensagens interrompidas, neologismos, vazio da significação, interceptação e roubo do pensamento, a interpretação delirante, a alucinação, dentre outros, demonstram a forma particular da inscrição do sujeito na psicose na linguagem.

O desencadeamento da psicose vai ocorrer, portanto, quando emergir uma significação “que não se parece com nada – e isso, na medida em que não se pode ligá-la a nada, já que ela jamais entrou no sistema da simbolização – mas que pode, em certas condições, ameaçar todo o edifício” (LACAN, [1955/1956]2002, p. 102). Desse modo, situações como o encontro sexual, por exemplo, que impliquem uma significação fálica, ou seja, um posicionamento na partilha sexual provocará o desencadeamento da psicose uma vez que não há inscrição da significação fálica.

Dito de outra maneira, o desencadeamento ocorre quando o Nome-do-Pai, foracluído no lugar do Outro, é convocado no lugar onde o sujeito não pode chamá-

lo porque ele nunca esteve lá. “Para que a psicose se desencadeie, é preciso que o Nome-do-Pai, [...], foracluído, isto é, jamais advindo no lugar do Outro, seja ali invocado em oposição simbólica ao sujeito” (LACAN, [1957/1958]1998, p. 584). Aqui, Lacan ([1957/1958]1998) questiona como o Nome-do-Pai pode ser chamado no lugar onde ele nunca esteve. Como apelar para o significante se ele foi foracluído? É nesse sentido que o uso do termo foraclusão, uma tradução do termo que Lacan usa em francês *forclusif*, que no âmbito jurídico diz respeito a um processo que perdeu o prazo legal de apelação, designa que o psicótico não pode mais apelar ao Nome-do-Pai uma vez que esse significante não pode mais ser inscrito (ROUDINESCO; PLON, 1998; QUINET, 2006).

No que diz respeito, então, ao apelo desse significante foracluído, o Nome-do-Pai é invocado através de Um-pai, “[...] um pai real, não forçosamente, em absoluto, o pai do sujeito, mas Um-pai [...] que venha no lugar em que o sujeito não pôde chamá-lo antes” (LACAN, [1957/1958]1998, p. 584). Dessa forma, para ocorrer o desencadeamento “basta que esse Um-pai se situe na posição terceira em alguma relação que tenha por base o par⁵ imaginário a-a’, isto é o eu-objeto ou ideal-realidade [...]” (LACAN, [1957/1958]1998, p. 584).

Lacan exemplifica algumas situações onde podem ser encontradas o início da psicose: uma mulher logo após o nascimento de um filho na figura do marido, ou seja, na relação imaginária mãe-criança o marido representa esse Um-pai; na pessoa do confessor para a mulher que confessa seu erro. Entretanto, seja qual for a situação, o que está em causa é o apelo ao significante Nome-do-Pai que corresponde ao furo no simbólico deixado por esse significante. “Na psicose, é o significante que está em causa [...]” (LACAN [1955/1956]2002, p. 231).

⁵ O par imaginário do estádio do espelho, ou seja, a relação do eu com a imagem especular. O estádio do espelho é descrito como a aquisição da unidade do corpo próprio através da identificação com a imagem especular. (LACAN, [1949]1998).

Dessa maneira, o desencadeamento da psicose, devido ao apelo ao significante Nome-do-Pai, que corresponde ao furo no simbólico, “[...] dá início à cascata de remanejamentos do significante de onde provém o desastre crescente do imaginário, até que seja alcançado o nível em que significante e significado se estabilizam na metáfora delirante” (LACAN, [1957/1958]1998, p. 584). A metáfora delirante permite um ordenamento do significante, ou seja, uma suplência simbólica que permite uma estabilização.

Diante do exposto, apresento a seguir a análise dos efeitos da forclusão no caso clínico Maria, buscando delinear os elementos do desencadeamento que permitiram fundamentar a questão sobre os impasses frente à maternidade, questão que será discutida no próximo capítulo.

Maria procurou atendimento no ambulatório de Psicologia, após ter sido encaminhada pelo psiquiatra, por que estava com uma “agonia na cabeça”, precisando “conversar”. Descreveu a relação com seu marido e sua única filha como “difícil” e que essas relações também lhe deixavam “agoniada”.

De acordo com os registros do prontuário, ela foi internada devido à agitação psicomotora, alucinações auditivas, delírios persecutórios e heteroagressividade; jogou água quente no marido, pisou no pescoço da filha, ameaçou-a com um facão, tentou atear fogo no quarto dela dizendo que ela não era sua filha; xingava as pessoas na rua, pornofônica, despindo-se e saindo nua pela rua, ciúme do marido; tentou se jogar da laje de sua residência, no que foi impedida pela filha, abraçou-a dizendo que não queria morrer sozinha.

A alucinação era um dos poucos fenômenos, dentre os relatados no prontuário, sobre o qual Maria falava durante os atendimentos. Logo após realizar uma cirurgia para retirada da tireoide, ainda quando estava internada no hospital,

Maria ouviu uma voz que mandava que ela batesse nas portas dos quartos, a voz dizia que ela salvaria aquelas pessoas, que ela iria “salvar o mundo” e que era “a mãe do mundo”. Maria relatou que a “voz” mandava que ela saísse pela rua, fosse até a laje de sua casa, abrisse a janela, arrumasse a casa, cozinhasse. A voz dizia, ainda, que Maria já tinha falado tudo e que não tinha nada mais para falar e ordenava que Maria comesse, pois comiam junto com ela. Maria não sabia como isso acontecia e achava que tinha um buraco nela onde eles comiam. Maria, ao falar da alucinação, dizia não entender o que havia acontecido, temia voltar a ouvir a “voz” e ser internada novamente, apesar de que, segundo Maria, após as medicações ela não mais escutava essa “voz”.

Destaco aqui outra maneira que Lacan utilizou para enunciar sua tese sobre o desencadeamento: o significante foracluído no simbólico retorna no real. “O conteúdo da alucinação [...] deve seu aparecimento no real ao fato de não existir para o sujeito.” (LACAN, [1956]1998, p. 394). Na alucinação o que é imputado às vozes é a cadeia significante que “[...] se impõe ao sujeito em sua dimensão de voz [...]” (LACAN, [1957/1958]1998, p. 539). Ainda segundo Lacan ([1957/1958]1998, p. 541):

É assim que o discurso vem a realizar sua intenção de rejeição na alucinação. No lugar em que o objeto indizível é rechaçado [...], uma palavra faz-se ouvir, porque, vinda no lugar daquilo que não tem nome, ela não pode acompanhar a intenção do sujeito sem dele se desligar [...].

A especificidade da alucinação psicótica, no ensino lacaniano, está, portanto, no fato dela ser verbal, ou seja, trata-se da alucinação do verbo. A alucinação do verbo não corresponde a nenhum distúrbio do sensório, mas ao Outro não barrado, devido à não inscrição do significante Nome-do-Pai. O Outro absoluto manda, “[...] fala, aparece às claras, provocando no sujeito todo tipo de reação: terror, pânico,

exaltação” (QUINET, 2006, p. 17). Nesse sentido, a ênfase está na posição do sujeito diante da voz.

No caso Maria, freqüentemente ela falava sobre “esse problema das vozes”, não conseguia entender o que aconteceu, o porquê dela ter ouvido a voz, e temia que isso acontecesse novamente. Foracluído o significante Nome-do-Pai, Maria não podia articular nada quando esse significante retorna no real, e então a cadeia significante, isto é, o Outro absoluto se impõe como voz que ordenava as atividades cotidianas como arrumar a casa, cozinhar, sair, comer, assim como determinava a posição de Maria: mãe da humanidade. Em outras palavras, o Outro “[...] que faz eco aos pensamentos do sujeito intervém, o vigia, designa gradativamente a sequência de suas ações, as comanda [...]” (LACAN, [1955/1956] 2002, p. 17).

Mas, ao longo dos atendimentos Maria pode atribuir uma explicação ao que lhe ocorreu. Maria leu uma reportagem sobre depressão e tudo que estava descrito ela sentia: “tristeza”, “angústia”, “desânimo para fazer as coisas em casa”. Então, a “depressão” passou a ser a causa atribuída ao fato dela ter sido internada no hospital psiquiátrico. Maria perguntou ao psiquiatra sobre o “problema das vozes” e, segundo Maria, ele lhe falou que ela teve um “declínio na mente”. Ela leu num dicionário que declínio era “fraqueza” e descobriu que seu “subconsciente falava”. Maria disse, então, que por causa da depressão ela teve um declínio que deixou sua mente fraca e o subconsciente falou. O “declínio” provocado pela foraclusão do Nome-do-Pai deixou sua “mente fraca”, um furo no simbólico, e o seu “subconsciente” falou, a voz do Outro que se impõe quando o significante Nome-do-Pai retornou no real.

Outro efeito da foraclusão, no caso Maria, pode ser identificado na tentativa de atear fogo no quarto da filha dizendo que ela não era sua filha. A frase “ela não é

minha filha” corresponde a “ele não é meu pai”⁶. Freud ([1911]2010) ao analisar o caso Schreber mostra como o conflito paranóico pode ser representado a partir das inversões da proposição “eu o amo”. Conforme a teorização lacaniana, essa forma de “[...] dedução gramatical para expor as mudanças de orientação da relação com o outro na psicose” (LACAN, [1957/1958]1998, p.548) é descrita em dois tempos: primeiro a inversão do verbo, amar-odiar, eu o odeio; ou pode ser a inversão do gênero do agente ou do objeto, não sou eu e não é ele, é ela, respectivamente. No segundo tempo a permutação dos sujeitos, ele me odeia, é a ela que ele ama, é ela que me ama.

No caso Maria, a proposição “ela não é minha filha” pode ser entendida como o resultado da inversão de gênero e de sujeito: ele-ela, pai-fiha. Assim, reescrevo a proposição da seguinte forma: eu não “reconheço” meu pai, pois ele, o Nome-do-Pai, lá no lugar do Outro nunca existiu. O “não reconheço” equivaleria, assim, a forclusão do Nome-do-Pai.

No que diz respeito a esse desencadeamento, também na discussão durante a sessão clínica, foi levantada hipótese da cirurgia como uma intervenção no real do corpo reativando a imagem do corpo despedaçado⁷. Mas não foi possível identificar elementos que corroborassem com essa hipótese. Maria pouco falava sobre esse período. Porém, essa não foi sua primeira cirurgia, ela já havia realizado várias cirurgias, mas nessa para retirada da tireóide, Maria se depara com o retorno no real.

⁶ Essa articulação foi apontada pelo psicanalista Jairo Gerbase na sessão clínica, na qual apresentei esse caso. A sessão clínica é um dispositivo da Residência em Psicologia Clínica e Saúde Mental, na qual um residente apresenta um caso clínico articulado à teoria e um psicanalista é convidado para debater sobre o caso.

⁷ Vivência fantasmática do corpo despedaçado que se encontra o ser antes da aquisição da imagem do corpo próprio através da identificação à imagem especular. (LACAN, [1949]1998).

Desde o início dos atendimentos Maria falava que não estava mais ouvindo “a voz”. Durante esse período separou-se algumas vezes do marido, e quase sempre pelo mesmo motivo: as amantes dele. Contudo, depois de um período de cerca de um ano e seis meses de atendimento, seu marido passou o final de semana fora de casa e ao retornar encontrou Maria ouvindo música com o volume do som alto. Eles discutiram, Maria quebrou tudo em casa e tentou matar o marido com uma faca. Ela foi levada pela família para a emergência psiquiátrica, e foi internada novamente, mas dessa vez no hospital-dia⁸.

No atendimento, ainda na emergência, Maria falou que o problema era que as pessoas e o mundo inteiro estavam condenando seu filho Michael Jackson. O que falavam sobre ele, dizia Maria, era tudo mentira e isso iria ser comprovado: “ele (Michael Jackson) é um menino bom”.

Durante o período de tratamento⁹ no hospital-dia, dizia que seu problema eram seus maridos espirituais que ficavam ao lado dela junto com seus filhos: Jesus, Jeová e Amém. Os filhos diziam que ela era a mãe da humanidade. Sobre isto ela disse: “na verdade eu não lembrava disso, na internação passada, pois foi muito forte para minha cabeça e eu não agüentei”. O marido era seu filho também: “ele (o marido) é filho e marido”. Mas, segundo Maria, isso era muito difícil de compreender, nem ela mesma conseguia entender: “só Jesus pode explicar, mas ele não pode vir aqui fazer isso”. Esses filhos diziam a Maria que ela era a mãe do mundo: “eu não, a (Maria) cristã, são duas em uma, a (Maria) não é mãe de ninguém, mas a (Maria) cristã é a mãe do mundo, quando junta as duas sai de baixo, quando fica revoltada

⁸ Modalidade de tratamento diário, composto por uma equipe multiprofissional. Essa modalidade de tratamento integra um dos serviços oferecidos pelo Centro de Convivência de Naranjiba, e funciona num prédio anexo ao Hospital Juliano Moreira.

⁹ Nesse período, realizava as atividades do programa da residência no hospital-dia. Assim, foi possível continuar os atendimentos durante seu tratamento no hospital-dia, que durou cerca de dois meses.

ninguém segura, nem os governantes, nem o técnico do Bahia, nem filhos que não respeitam os pais”.

Após alta do hospital-dia, ocorreram dois atendimentos no ambulatório de psicologia. No primeiro deles, Maria relatou que estava ouvindo as vozes, “eles estavam falando comigo”, mas não falou sobre o que as vozes lhe diziam. No último atendimento, disse que estava bem e pensando em passar um período com sua mãe que residia em outra cidade. Maria foi encaminhada para atendimento com uma psicóloga do ambulatório devido ao encerramento de minhas atividades práticas da residência.

Quanto à questão do desencadeamento, no sentido de delinear os elementos precipitadores desse segundo momento, cabe destacar: primeiro, o significativo filho que abrange - Michael Jackson, o marido, Jesus, Jeová e Amém, os três últimos lhe diziam que ela era a mãe da humanidade. Em um atendimento anterior a esse desencadeamento, Maria falou que a amante do marido estava grávida e que provavelmente o bebê era do sexo masculino. Após falar isso, Maria passou a criticar os governantes, falar de injustiças, da reivindicação de direitos, o que me chamou a atenção, pois frequentemente ela iniciava sua fala da seguinte maneira: “hoje o assunto é” e prosseguia falando sobre o que havia escolhido. Na semana seguinte a esse atendimento, ela não compareceu e na semana posterior ela foi levada para a emergência psiquiátrica. A filha também relatou que Maria ficou “nervosa” após descobrir que a amante do marido estava grávida.

Destaco ainda uma mudança na posição de Maria diante da “voz”, ou seja, em relação ao Outro. Conforme disse anteriormente, antes ela não entendia o porquê das vozes, apesar de sua explicação de que o “declínio na mente” fez o “subconsciente” falar, ela ainda temia voltar ouvir a “voz”. Aqui ela estava numa

posição de objeto do Outro, sobre o qual ela não tinha nenhum anteparo que barrasse esse Outro. Mas, no segundo desencadeamento, ela assume a posição de mãe da humanidade e nomeia os filhos que lhe dizem isso: Jesus, Jeová e Amém. A “voz” agora tem nome Jesus, Jeová e Amém, não é mais algo que ela teme, mas sua posição no mundo: mãe da humanidade. É o que Maria disse: “na verdade eu não lembrava disso, na internação passada, pois foi muito forte para minha cabeça e eu não agüentei”. O “forte” que ela não “agüenta” porque não pode contar com o significativo Nome-do-Pai para poder produzir uma significação que lhe permitisse sair da posição de assujeitamento do Outro. Mas, ela pôde fazer isso através de uma interpretação delirante: seus filhos lhe dizem que ela é a mãe da humanidade, fez assim o que é próprio de sua estrutura, da sua relação com a linguagem.

Desse modo, no primeiro desencadeamento, no qual uma voz lhe dizia que Maria era a mãe do mundo, e no segundo desencadeamento quando da gravidez da amante do marido, através do significativo filho foram o motor para a construção de um delírio místico. O delírio, segundo o qual ela era a mãe da humanidade, levou-me a investigar a natureza da articulação entre a questão da psicose e os impasses frente à maternidade. Essa articulação é o que apresento no próximo capítulo.

3 A MÃE: IMPASSES FRENTE À MATERNIDADE

A psicanálise surgiu com a colaboração de mulheres que desafiavam o saber médico científico com seus distúrbios nervosos. Freud franqueou a elas a palavra e se dispôs a escutá-las, mas essa escuta não foi sem enganos e surpresas. Através dessa escuta, identificou que os sintomas histéricos se referiam a desejos sexuais que se tornaram inconscientes devido a uma cena traumática ligada ao pai. Inicialmente, Freud acreditou que as histéricas haviam sido de fato seduzidas, posteriormente percebeu que se tratava de fantasias de desejos em relação ao pai, e não de um fato realmente ocorrido, não perdendo, contudo, o caráter traumático do encontro com o sexual.

A questão principal do complexo de Édipo, na teoria freudiana, é a renúncia aos desejos sexuais incestuosos devido à ameaça de castração. Nas suas investigações, Freud identificou a existência de um período entre as crianças em que elas levam em consideração apenas o genital masculino, o falo. Nessa fase da organização genital infantil, a criança não relaciona a diferença entre homens e mulheres aos órgãos genitais, ou seja, “há *masculino*, mas não *feminino*; a oposição é: *genital masculino* ou *castrado*” (FREUD, [1923]2011, p.175, grifos do autor). O que levou Freud ([1923]2011) a atribuir a origem do complexo de castração à fase fálica. Apesar de descrever a fase fálica, nesse momento, em relação ao que acontece no menino, no texto “*A dissolução do complexo de Édipo*”, Freud ([1924]2011) afirma que essa fase também está presente na menina, mas de forma diferente no que se refere à castração.

No menino, a ausência do pênis na menina é, inicialmente, negada e ele acha que é pequeno e vai crescer, depois chega à conclusão que estava presente e foi retirado, ou seja, o resultado da castração (FREUD, [1923]2011). A menina, por sua vez, ao perceber o pênis do menino, acha que o dela ainda vai crescer. Posteriormente, passa para a explicação de que tinha e perdeu, mas ainda não atribui essa falta às mulheres adultas, portanto, também não percebe que homens e mulheres possuem órgãos genitais diferentes (FREUD, [1924]2011). “Disso resulta a diferença essencial de que a menina aceita a castração como fato consumado, enquanto o menino teme a possibilidade da consumação” (FREUD, [1924]2011, p. 213).

Se a menina pensa inicialmente ter o falo, sua castração não é aceita sem protesto e buscará uma compensação para o que lhe falta através de uma “equação simbólica” (FREUD, [1924]2011, p. 213) que passa do falo para um bebê. Na perspectiva freudiana, desse modo, a criança é para a mãe um substituto para o que lhe falta, o falo.

Para Birman (2001) a teoria freudiana sobre o feminilidade é marcada por contradições e ambiguidades, e também por avanços e recuos em relação ao discurso dominante de sua época. Dentre os avanços, esse autor destaca as formulações revolucionárias e subversivas sobre o inconsciente, a sexualidade infantil, e a do funcionamento sexual do psiquismo.

Uma das ambiguidades destacadas por Birman (2001) refere-se ao conceito de falo, que embora na teoria freudiana não esteja fixado a nenhum objeto, podendo inscrever-se no corpo feminino, nos seus atributos de beleza e sedução, por exemplo, o pênis foi mantido num lugar de destaque devido a sua posição na trama do complexo de Édipo. Posição essa que define “não apenas a diferença de sexos e

a ruptura das gerações, mas também as identificações sexuadas na subjetividade” (BIRMAN, 2001, p.22). Como consequência disso, a inveja do falo/pênis foi considerada o traço maior do funcionamento do psiquismo da mulher, a questão incurável na análise de mulheres, que muito contribuiu para Freud privilegiar a maternidade como uma das saídas para a mulher.

Entretanto, em um artigo mais recente, Birman (2011) destaca dois momentos da abordagem freudiana sobre a sexualidade. A primeira concepção coloca o masculino como a base da sexualidade, o que define a feminilidade a partir da inveja do falo, aqui o falo está “identificado ao pênis” (BIRMAN, 2011, p. 29). A mudança vai ocorrer a partir da perplexidade de Freud diante da questão sobre “o que quer a mulher”, enunciada no seu texto *A feminilidade* (1933). Esse questionamento, ainda segundo Birman (2011), leva Freud (1937), no texto “*Análise com fim e análise sem fim*”, a considerar a feminilidade como matriz do psiquismo humano.

Vale dizer, se pela primeira leitura o masculino seria o *modelo* e a *origem* do feminino, pela segunda seria a feminilidade que delinearía a *matriz constituinte* do masculino e do feminino. (BIRMAN, 2011, p. 17, grifos do autor).

Nesse sentido, o falo não equivale ao pênis, pois a feminilidade, nessa segunda abordagem da teoria freudiana, conforme proposto por Birman (2011, p. 30):

seria uma experiência da ordem do *horror* e da *inquietação*. Em decorrência disso, a condição masculina e a condição feminina seriam defesas face à feminilidade originária, defesas essas construídas igualmente pela lógica do falo.

Soler (2005), por sua vez, afirma que Freud define a mulher a partir da inveja do pênis, e que viu no desejo feminino “[...] apenas a variação do desejo de ter – sob a forma de ter o amor de um homem ou o filho fálico. Afora isso entregou os pontos” (SOLER, 2005, p. 34). Entretanto, a teoria freudiana introduz, ainda que de forma

implícita, segundo ressalta Soler (2005, p. 26) “a idéia de uma desnaturação do sexo do ser humano.” E segundo Kehl (2008) apesar de Freud ter percebido que a anatomia não era suficiente para dar conta do processo subjetivo de tornar-se homem ou mulher,

o conjunto de suas investigações sobre a sexualidade não escapa das tentativas científicas de estabelecer a natureza da sexualidade masculina e feminina e, a partir dela, encontrar a verdadeira essência da masculinidade e da feminilidade. (KEHL, 2008, p. 9).

Essas discussões colocam em cena aquilo que Freud enunciou no final de sua obra *o que quer a mulher?*. Questão que esteve presente desde o princípio da psicanálise, ainda que não formulada dessa maneira. Mas, foi ao poder se deixar guiar por essa questão que Freud concebeu a psicanálise. O que assinalo dessa discussão para fins do presente trabalho, refere-se ao lugar do filho para uma mulher, ou seja, o que pode representar o nascimento de um filho para uma mulher? Embora o caso de Maria não possa ser tomado por essa via, uma vez que na época dos desencadeamentos de sua psicose ela já não podia ter filhos, comecei por essa questão para poder chegar à singularidade desse caso.

A teoria freudiana, então, reservou para a mulher três possibilidades decorrentes da inveja do falo/pênis: a inibição sexual, complexo de masculinidade e a feminilidade. Nas duas primeiras há uma recusa a aceitar a perda do falo, a primeira como não pode ter, renuncia a qualquer tipo de satisfação sexual, e a segunda não aceita perder. E na última ela aceita perder para recuperá-lo através de um filho (FREUD, [1931]2010; [1933]2010). A questão aqui se refere à condição da maternidade como via de acesso a feminilidade. Dito de outra maneira, a criança é o objeto que compensa a falta fálica, isto é, compensa aquilo que ela aceitou perder –

o falo – para recuperá-lo no filho. Desse modo, nota-se uma equivalência entre filho-falo, entre mãe e mulher.

Se no discurso freudiano o falo pode ser representado por outros objetos, apesar da ênfase dado ao falo/pênis, a partir do ensino de Lacan está posto que o falo não é sinônimo de pênis. No *Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*, Lacan ([1957/1958]1999) assinala que a castração não se dirige aos órgãos sexuais, seja homem ou na mulher, mas a algo cujo caráter significante predomina. Pois, para Lacan ([1957/1958]1999, p. 319) a castração “é a relação de um desejo com o que chamarei, nesta oportunidade, de uma marca” – o falo, ou seja, o falo é o significante do desejo. O falo “é o significante por excelência da relação do homem com o significado, e em vista disso, acha-se numa posição privilegiada” (LACAN, [1957/1958]1999, p. 318).

Dessa forma, a interpretação lacaniana para a equivalência filho-falo, no sentido freudiano, é a de que o filho surge como um objeto que tampona a falta fálica impedindo o acesso da mulher ao seu desejo. Nesse caso, a criança é tomada como objeto de propriedade da mãe, objeto destinado a realizar a fantasia materna, impedindo-o de advir como sujeito e assumir seu desejo.

Por outro lado, a inscrição da criança no desejo materno, isto é, enquanto um significante fálico possibilita que a mãe não restrinja sua função somente aos cuidados de alimentação, higiene, mas que fale dessa criança e para essa criança, ou seja, que a introduza na linguagem. “Pelo fato de o falicismo falar e se veicular em signos, ele instaura entre os objetos uma ordem na qual o filho encontra um modo de se situar, nem que seja a título de menos-valia” (SOLER, 2005, p. 96). Nessa direção, Melman (2008) assinala que a falta é o que a mãe pode dar de melhor ao filho, falta no sentido lacaniano de dar o que não se tem: o amor.

Se uma mãe consente em se expor a seu filho como assumindo precisamente essa falta, ou seja, seu desejo em aberto, pois bem, fica claro que é dessa maneira que ela vai permitir à própria criança introduzir-se no registro do desejo e procurar tomar aí sua parte. (MELMAN, 2008, p. 129).

É nesse sentido que entendo a formulação lacaniana no que se refere à função da mãe na transmissão de “um desejo que não seja anônimo [...] na medida em que seus cuidados trazem a marca de um interesse particularizado, nem que seja por intermédio de suas próprias faltas” (LACAN, [1969]2003, p. 369).

Desse modo, na teoria lacaniana a relação maternidade e falo se mantém, mas sob outra perspectiva. Se Freud deixou margem para uma relação mãe-falo, o filho como apêndice para que a mãe recupere o que lhe falta, com Lacan a escrita é mãe-falo-filho. A mulher já não é definida como mãe, pois a partir do ensino lacaniano “não se pode escrever a equivalência entre a mãe e a mulher, que são dois léxicos analíticos bem distintos” (GERBASE, 1999, p. 2).

Para o desejo da mãe há um significante que o representa, que é o falo, mas não existe um significante que represente A Mulher, fundamento da proposição¹⁰ lacaniana *A Mulher não existe*. Segundo Melman (2005, p.54):

Mulheres existem, isso pode ser mais ou menos verificado, mas ‘A mulher’, ou seja, aquela que seria definida por um signo específico, como o homem que é especificado pela castração, esse signo não existe para uma mulher e essa é a razão pela qual as mulheres se queixam de não serem fundadas em feminilidade. Fundadas em maternidade sim, porque ali ela depende do signo fálico [...].

Nessa direção, esse aforismo lacaniano de que *A mulher não existe* implica “a inexistência de uma *identidade feminina*, na falta de um único significante que agruparia inquestionavelmente todas as mulheres sob sua barra” (KEHL, 2008, p. 255, grifos da autora). Desse modo, a mediação do falo não identifica o que diz

¹⁰ No próximo capítulo essa proposição é analisada mais detalhadamente.

respeito à constituição da subjetividade feminina, isto é, a mulher não está toda inscrita na lógica fálica. Isso não significa, entretanto, que a mulher fique fora da significação fálica, “a especificidade da constituição subjetiva da mulher e a particularidade da sexualidade feminina é uma submissão não-toda da mulher à lógica fálica” (ZALCBERG, 2007, p. 27). O Édipo, segundo Lacan ([1960]1998), não responde ao que diz respeito ao tornar-se uma mulher, pois ela não é toda regida pelo falo.

Se o pai representa um refúgio, um porto seguro para a filha é porque a resgata da submissão inicial à figura materna, dando-lhe a condição de sujeito em seu pleno direito, algo que o psicótico não tem. Por isso, [...] o pai é amado pela filha. [...] O pai enquanto Outro da Lei, ao proibir o incesto, autoriza o ser sexuado da filha. Não valida, contudo sua feminilidade. (ZALCBERG, 2007, p. 48).

Sendo assim, conforme assinala anteriormente, não há equivalência entre mãe/mulher, mas uma disjunção. A maternidade não é a condição para a feminilidade. O desejo feminino torna, assim, a mãe ausente, não-toda ocupada com o filho, mas essa ausência, por outro lado, pode tornar-se um silêncio não-todo fálico que não se inscreve, portanto indecifrável. Nesse caso, a mãe em nada se ocupa do filho e deixa-o sem recursos diante de um silêncio que não é de fala, e que dificulta a inscrição da criança na linguagem. “Ela pode alimentá-lo, fazê-lo dormir, mas esse filho para ela não tem nenhum lugar e não significa nada, não significa nem mesmo dizer que ela o rejeita, significa que ela o foraclui” (MELMAN, 2005, p. 45). Isso pode acontecer porque o filho, embora passível de ser tomado como substituto fálico, surge como um objeto real e, portanto, fora da significação fálica (SOLER, 2005).

Uma criança ao nascer, devido ao seu estado de dependência, à falta de linguagem, à sua prematuridade apresenta segundo Marcos (2007, p. 38):

o desconhecido, o enigma, a face inacessível do Outro, mesmo se ela é também ‘minha imagem e semelhança’. A prematuridade do pequeno ser humano, a ausência da linguagem, [...] desenham a

face inassimilável do Outro, fora do significado, estranho e estrangeiro a mim mesmo.

Nesse sentido, segundo Soler (2005) a angústia materna diante desse objeto real, logo, fora da significação fálica, que a criança presentifica é diferente da angústia de perder um filho, por exemplo, que está relacionada à sua castração. A angústia materna diante do real, ainda segundo Soler (2005), pode ser observada nos estados de estupor, de pavor da jovem mãe logo após o nascimento do filho; na angústia hipocondríaca da mãe despertada pela reação à gravidez, onde a criança é tomada como um objeto estranho e parasita do corpo materno; e também no pavor diante dos cuidados com a coisa viva, o bebê, que não fala. “Há mães que se apavoram com esse objeto, que imaginam já não saber fazer sequer o que todos os mamíferos sabem por instinto: carregar, alimentar, aquecer, etc” (SOLER, 2005, p. 102).

Portanto, a maternidade não se recobre de todo pela lógica fálica, visto que se de um lado está voltada para o falo, de outro revela o encontro com o além do simbólico e os limites de todo saber – um real incomensurável (SOLER, 2005; MARCOS, 2007). Nesse sentido, desvela-se “outra face da maternidade que, [...] exhibe o furo, o impossível recobrimento do real pelo simbólico, no que poderíamos chamar de a face de sombra da maternidade” (MARCOS, 2007, p. 36). Desse modo, qual pode ser a repercussão para a mulher diante do que na maternidade está à margem da inscrição fálica? A resposta está condicionada a estrutura, neurose ou psicose, e à singularidade de cada caso.

Lacan ([1932]1987)¹¹, na sua tese de doutorado de psiquiatria, intitulada *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*, identifica que no caso Aimée “o papel dos estados puerperais está clinicamente manifesto e parece ter sido

¹¹ Nesse período, Lacan ainda não era psicanalista.

desencadeante. Aos dois estados de gravidez corresponderam os dois surtos iniciais do delírio” (LACAN, [1932]1987, p. 207). Na primeira gestação, Aimée refere um estado depressivo e sente-se alvo de perseguição, injúrias, críticas, acusações atribuídas aos colegas de trabalho, às pessoas que passavam na rua e reconhece nos jornais matérias publicadas contra ela. Sobre os relatos de Aimée, Lacan ([1932]1987, p. 155) conclui que:

as acusações se tornam precisas e nitidamente delirantes. Ela teria dito, para si mesma, com frequência: ‘Por que fazem isso comigo? Eles querem a morte de meu filho. Se esta criança não viver, eles serão responsáveis’.

Além das interpretações delirantes, Aimée é atormentada por pesadelos com caixões, e apresenta “[...] múltiplas reações. Um dia, arrebenta a facadas os dois pneus da bicicleta de um colega” (LACAN, [1932]1987, p. 207); levantou à noite para jogar água na cabeça do marido, depois jogou um ferro de passar. Entretanto, Lacan ([1932]1987, p. 156) ressalta que ela “colabora ardentemente na confecção do enxoval da criança esperada por todos”.

Os delírios de perseguição se intensificam quando Aimée dá à luz a uma menina natimorta. “Ela atribui a desgraça a seus inimigos” (LACAN, [1932]1987, p. 156). Após o parto, uma mulher, que foi por um tempo sua melhor amiga, e estava residindo em outra cidade, telefona para saber notícias. Aimée acha isso estranho e, então, conclui que essa amiga foi culpada pelo que aconteceu.

Na segunda gravidez retorna o estado depressivo, a ansiedade e as interpretações delirantes. Aimée dá à luz a um menino e “se dedica à criança com um ardor apaixonado; ninguém mais vai cuidar dela até os cinco meses” (LACAN, [1932]1987, p. 156). No período da amamentação, Aimée “se torna cada vez mais interpretante, hostil a todos, briguenta. Todos ameaçam seu filho” (LACAN, [1932]1987, p. 156).

Com o intuito de ser romancista, Aimée pede demissão do emprego, solicita passaporte para os Estados Unidos e apresenta uma falsa autorização do marido. “Ela confessa que teria abandonado seu filho” (LACAN, [1932]1987, p. 157). A família a obriga a desistir dessa ideia e, então, a interna em um asilo particular onde permanece por seis meses. Após a alta, Aimée volta a cuidar de seu filho, mas recusa-se a retomar seu emprego na cidade onde morava, e pede transferência para Paris. Dez anos após essa internação, ela é internada novamente após golpear uma famosa atriz francesa com uma faca. Para Aimée, a atriz ameaçara a vida do seu filho. É nessa última internação que Lacan a encontra.

O caso Aimée permite analisar, dessa forma, as dificuldades de uma mulher na estrutura psicótica diante do objeto real que o filho presentifica. Segundo Pollo (2002, p. 100) “por não poder revestir o filho com o brilho fálico do desejo inconsciente, Aimée vivia em ‘temor perpétuo do atentado iminente’.” Dito de outra maneira, devido à forclusão, e conseqüentemente a não inscrição da significação fálica, Aimée não pôde produzir um sentido que a permitisse lidar com a coisa viva, com o ser que não fala, com o desconhecido. O ser humano não lida com a coisa em si, com o real, precisa da palavra, ou no dizer lacaniano, do significante. Retomando uma das maneiras que Lacan ([1955/1956]2002) definiu o desencadeamento, conforme descrito no capítulo anterior, para Aimée o filho emergiu como uma significação nova que ela não pôde ligar a nenhuma outra porque esta jamais entrou no sistema da simbolização.

Entretanto, no caso Maria o desencadeamento da psicose não ocorreu devido ao nascimento de um filho. Na época do primeiro desencadeamento, ela não podia mais ter filhos. Sobre a gravidez de sua filha, Maria relatou como um período “difícil”, necessitando de repouso. O marido, segundo Maria, sempre desejou ter um filho

homem, mas quando ela ficou grávida, ele, inicialmente, não queria a gravidez e sugeriu que fosse feito um aborto, e ela não entendia esta sugestão do marido. No seu dizer, a gravidez era de gêmeos, mas um dos fetos não conseguiu sobreviver ainda durante a gestação. Ela descreve este momento como uma “*bola de sangue*” que saiu de dentro dela. E acreditava ser menino esse filho que não sobreviveu. Quanto à Maria, relatou que queria uma menina. Então, por que propor a questão da maternidade no caso Maria?

No *Seminário 3: as psicoses*, no capítulo intitulado ‘A questão histórica’, Lacan inicia chamando a atenção para a “[...] importância dos fenômenos de linguagem na psicose [...]” (LACAN, [1955/1956]2002, p.185). Aqui já destaco, então, que não se trata do fato vivido, da situação em si, mas dos fenômenos de linguagem, mais precisamente do significante.

Ainda no referido capítulo, Lacan ([1955/1956]2002) faz a análise de um caso de histeria apresentado pelo psicólogo Joseph Eissler. O sujeito do caso em questão é um homem que trabalhava como condutor de bonde. “Um dia, ele desce do veículo, tropeça, cai no chão, e é arrastado por alguns metros” (LACAN, [1955/1956]2002, p.185). Após esse acidente, ele passou a ter crises nas quais sentia uma dor na costela que se propagava e levava a um estado de mal-estar crescente. Essas crises foram se agravando com o tempo levando “até o ponto de acarretar verdadeiras perdas de sentido no sujeito” (LACAN, [1955/1956]2002, p. 194). Nada foi encontrado nos exames e então ele é encaminhado ao psicólogo com suspeita de histeria traumática.

Ainda sobre este caso, Lacan afirma que ([1955/1956]2002, p. 195), “essas crises, o seu sentido, a sua modalidade, a sua periodicidade, o seu estilo, aparecem ligados de forma evidente à fantasia de uma gravidez”. Lacan faz essa associação

argumentando que o começo das crises não estava relacionado ao acidente, mas aos exames radiológicos realizados “que o colocam sob a mira de instrumentos misteriosos” (LACAN, [1955/1956]2002, p. 195).

Lacan ([1955/1956]2002) fundamenta sua análise trazendo elementos significativos da história do sujeito: quando era pequeno ele observou, escondido, uma mulher em trabalho de parto com as pernas levantadas, se contorcendo e soltando gemidos, “não chegando ao fim o trabalho do parto, o médico teve de intervir, e ele viu ser levada por um corredor a criança em pedaços, que foi tudo o que se pôde tirar” (LACAN, [1955/1956]2002, p. 196). Os instrumentos realizados nos exames radiológicos remetem a essa cena. Além disso, esse sujeito tinha um grande interesse em criar galinhas, especialmente na venda de ovos, e também por “toda espécie de questões relativas à botânica, todas centradas em torno da germinação” (LACAN, [1955/1956]2002, p. 197). Também aconteceram vários acidentes no seu trabalho de condutor de bondes que estão relacionados ao “espedaçamento da criança que ele presenciou” (LACAN, [1955/1956]2002, p. 196).

Então, conclui que no último acidente ao cair do bonde o sujeito “dá à luz a si mesmo” (LACAN, [1955/1956]2002, p. 197). A fantasia do sujeito é dominada por um único tema: a gravidez, enquanto significante

da questão de sua integração à função viril, à função de pai. Pode-se notar que ele arranhou para desposar uma mulher que já tinha uma criança, e com a qual ele só pode ter relações insuficientes (LACAN, [1955/1956]2002, p. 196).

A análise é conduzida para mostrar a questão que é posta nesse caso: “*Será que sou ou não alguém capaz de procriar? quem sou eu? Um homem ou uma mulher? Sou eu capaz de gerar?*” (LACAN, [1955/1956]2002, p. 196). Questão formulada no lugar do Outro, lugar da constituição do sujeito, “lugar de onde lhe pode ser formulada a questão de sua existência” (LACAN, [1957/1958]1998, p. 555).

Lacan ([1955/1956]2002) justifica a escolha deste caso de histeria porque coloca em cena o fantasma da gravidez e da procriação que também está presente “na história do presidente Schreber, já que seu delírio conduz a isto: que uma nova humanidade de espírito schreberiano deve ser reengendrada por ele” (LACAN, [1955/1956]2002, p. 193). No caso Schreber, o significante que é posto em suspenso, isto é, foracluído, na sua crise inaugural, “é o significante *procriação* em sua forma mais problemática, [...], que não é a forma *ser mãe*, mas a forma *ser pai*” (LACAN, [1955/1956]2002, p. 329, grifos do autor).

No *Seminário livro 3: as psicoses*, Lacan ([1955/1956]2002) realiza uma discussão para responder a seguinte questão: “O que pode querer dizer ser pai?” (LACAN, [1955/1956]2002, p. 329). Na prática da couvade¹², por exemplo, o que pode ser identificado, segundo Lacan ([1955/1956]2002, p. 205) “é um questionamento da função do pai, e do que ele traz na criação do novo indivíduo.” A prática da couvade era um ritual que tinha por finalidade garantir a legitimidade da criança, o reconhecimento de quem era o pai. Nesse ritual o marido permanecia isolado antes do parto, na cama da esposa, simulando o nascimento do bebê, para assim atrair os maus espíritos, deixando a mãe real livre para ter seu bebê de forma segura.

Lacan afirma, então, que não basta a gravidez e o nascimento de uma criança para “constituir a noção do que é *ser pai*” (LACAN, [1955/1956]2002, p. 329, grifos do autor), pois o sujeito pode saber que a gravidez é consequência do ato sexual, isto é, “saber que copular está *realmente* na origem de procriar, mas a função de procriar enquanto significante é outra coisa” (LACAN, [1955/1956]2002, p. 330,

¹² Couvade – palavra de origem francesa *couver* que significa “chocar” ou “incubação”. Era uma prática realizada entre os povos antigos.

grifos do autor). No *Seminário livro 5: as formações do inconsciente*, a questão é enunciada dessa maneira:

Que o pai seja, por exemplo, o verdadeiro agente da procriação não é de maneira alguma, uma verdade da experiência. [...] O importante, com efeito, não é as pessoas saberem perfeitamente que uma mulher só pode engravidar quando pratica um coito, mas sancionarem num significante que aquele com quem ela praticou o coito é o pai. (LACAN, [1957/1958]1999, p. 187).

Nesse sentido, Lacan ([1955/1956]2002) ressalta que a prática da couvade demonstra que a afirmação de quem é o pai ainda se dá de forma incompleta, visto que ainda é realizada através de um ritual, e não da ordem do significante.

É preciso um efeito de retorno a fim de que o fato de copular para o homem receba o sentido que ele tem realmente, mas ao qual nenhum acesso imaginário é possível, o de que a criança seja tanto dele quanto da mãe. E para que esse efeito de ação em retorno se produza, é preciso que a elaboração da noção de ser pai tenha sido, por meio de um trabalho que se produziu por todo um jogo de trocas culturais, levada ao estado de significante primeiro, e que esse significante tenha sua consistência e seu estatuto. (LACAN, [1955/1956]2002, p. 330).

Desse modo, a análise desses dois fragmentos, o sujeito na histeria que ao cair do bonde dá à luz a ele mesmo, e Schreber ao que seu delírio conduz: ser a mulher de Deus para gerar uma nova humanidade, colocam em cena os temas da procriação e da gravidez enquanto significante. Dito de outra maneira, não é apenas da ordem da experiência, do vivido, do fato ocorrido, mas, principalmente, trata-se do significante Nome-do-Pai, da maneira como cada sujeito, em função do modo de inscrição na linguagem, pode significar aquilo que acontece. Portanto, “Tanto a paternidade como a maternidade tem uma essência problemática – são termos que não se situam pura e simplesmente no nível da experiência” (LACAN, [1955/1956]2002, p. 204). Entretanto, a questão da procriação não se reduz inteiramente ao registro do simbólico.

Há, contudo, uma coisa que escapa à trama simbólica, é a procriação em sua raiz essencial – que um ser nasça de um outro. A questão de saber o que liga dois seres no aparecimento da vida não se põe para o sujeito senão a partir do momento em que esteja no simbólico, realizado como homem ou como mulher, e mesmo que um acidente o impeça de ter acesso a isso. (LACAN, [1955/1956]2002, p. 205).

Diante do exposto, percebe-se que a paternidade e a maternidade não se restringem apenas à experiência de ter filhos, mas implica também a relação com o significante Nome-do-Pai, que enquanto significante da lei da proibição do incesto, define as relações de parentesco. Desse modo, permite ao homem assumir um filho como seu, sua participação na procriação, e nesse sentido de que a criança não é só filho da mãe. Quanto à mulher, o significante Nome-do-Pai ao substituir o desejo da mãe, na metáfora paterna, inscreve a significação fálica e pode possibilitar que ela situe o filho no campo de seu desejo, e que o filho não é somente dela, mas o “produto” de uma relação com o homem.

Retomando o caso Aimée, fora da função fálica, ela não encontra recursos para atribuir um filho à sua pessoa. A criança ao nascer surge como um objeto real e quando não pode ser investido pelo brilho fálico “funciona por exclusão e se torna para o sujeito, sinônimo de morte” (SOLER, 2007, p. 191).

No que diz respeito ao caso Maria, no primeiro desencadeamento da psicose, ao tentar atear fogo no quarto da filha dizendo que ela não era sua filha pode ser entendida, também, como essa a impossibilidade de atribuir um filho à sua pessoa. No entanto, de forma diferente do que acontece com Aimée, visto que para Aimée essa impossibilidade coloca dificuldades de cuidar de seu filho, atormentada que está com as interpretações delirantes persecutórias. Se Aimée se torna briguenta, hostil e provoca confusões na rua em função das ameaças contra seu filho, Maria no

momento de sua crise psicótica, tentou atear fogo no quarto da filha dizendo que não era sua filha, o que pode ser entendido como “eu não sou mãe”.

Quanto à questão da procriação, como pode o sujeito na psicose saber o que liga dois seres no aparecimento da vida se no simbólico esse significante está foracluído? Schreber através de uma construção delirante, aceita sua transformação em mulher para procriar com Deus e formar assim uma nova humanidade. No caso Maria, seus filhos: Jesus, Jeová e Amém lhe dizem que ela é a mãe da humanidade.

Sendo assim, no caso Maria o delírio de ser a mãe da humanidade e a gravidez da amante do marido remetem à questão da procriação e, portanto, ao significante maternidade. Foi por esse caminho que analisei o caso Maria para tratar dos impasses frente ao significante maternidade.

Para a teoria lacaniana a posição da mulher é não-toda inscrita na função fálica, marcando uma disjunção entre mãe e mulher. Na psicose não há a possibilidade dessa disjunção, visto que no “lado” da mãe, portanto, função fálica, o sujeito feminino na psicose não pode se situar devido à foraclusão, tampouco no “lado” mulher não-toda para além do falo. Existiria então, na psicose uma equivalência mãe/mulher?

4 A MÃE DA HUMANIDADE: O EMPUXO-À-MULHER

Finalizei o capítulo anterior questionando se na psicose haveria equivalência entre mãe e mulher, e sobre a posição possível para uma mulher na psicose, uma vez que devido à ausência da significação fálica, ela está à deriva quanto à partilha dos sexos. Com o objetivo de responder essas questões, busquei analisar o empuxo-a-mulher, visto que é o efeito da forclusão quanto à sexuação.

A forclusão do Nome-do-Pai tem como consequência a não inscrição da significação fálica. Desse modo, o sujeito na psicose está à deriva quanto à partilha dos sexos, sem possibilidade de se posicionar como homem ou mulher. Segundo Soler (2007) o empuxo-à-mulher é produzido pela ausência da inscrição fálica como função da castração, logo é o efeito principal da forclusão do Nome-do-Pai quanto à sexuação.

O empuxo-à-mulher foi uma expressão que Lacan utilizou para designar a posição de Schreber ao consentir ser a mulher de Deus, ou seja, aceitar a feminização de sua imagem para que pudesse assim dar origem a uma nova humanidade (SOLER, 2007). Se o empuxo-à-mulher foi utilizado para falar da feminização em Schreber, então se refere somente ao sujeito do sexo masculino?

Em um momento anterior a formulação do empuxo-à-mulher, no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (LACAN, [1957/1958]1998), o sentido da idéia de Schreber de que “deveria ser realmente bom ser uma mulher se submetendo ao coito”, é enunciado da seguinte maneira: “[...] na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens” (LACAN, [1957/1958]1998, p. 572). De uma forma

geral, o sentido desta frase aponta para uma impossibilidade que induz, impele, força o sujeito a uma única solução. A que se refere esta impossibilidade, ou seja, o que é impossível para o sujeito na psicose?

Conforme descrito anteriormente no capítulo dois, a forclusão do Nome-do-Pai é a condição que determina a estrutura psicótica. Então, penso que nessa forma de enunciação “na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe” está implícito a forclusão. De que maneira? Ainda no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, destaco a seguinte passagem “[...] o desejo da criança vem a se identificar com a falta-a-ser da mãe, à qual, é claro, ela mesma foi apresentada pela lei simbólica onde essa falta se constitui” (LACAN, [1957/1958]1998, p. 572).

Retomando discussões dos capítulos anteriores, na medida em que a mãe se expõe à criança assumindo sua falta, ou seja, indicando um desejo outro, a criança pode se identificar com esse objeto que falta a mãe: o falo. “Para agradar a mãe [...] é necessário e suficiente ser o falo” (LACAN, ([1957/1958]1999, p. 197). É o que Lacan ([1957/1958]1999), no *Seminário 5: as formações do inconsciente*, descreve como o primeiro tempo do Édipo. Nesse tempo, ao identificar-se com o falo, ou seja, ser o falo que falta à mãe, “a metáfora paterna age por si, uma vez que a primazia do falo já está instaurada no mundo pela existência do símbolo do discurso e da lei” (LACAN, [1957/1958]1999, p. 197).

No primeiro tempo do Édipo, portanto, “a questão do falo já está colocada em algum lugar da mãe, onde a criança tem de situá-la” (LACAN, [1957/1958]1999, p. 200). Aqui a metáfora paterna ainda não operou, mas já há o registro do que Lacan ([1957/1958]1999) chamou de primeira simbolização primordial, ou seja, a inscrição do significante materno que depois na metáfora é substituído pelo significante

Nome-do-Pai. Dito de outra maneira, na metáfora paterna “[...] o pai vem no lugar da mãe, [...], sendo a mãe como já ligada a alguma coisa que era o x [falo], ou seja, o significado na relação com a mãe” (LACAN, [1957/1958]1999, p. 180).

Sendo assim, o enunciado “na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe” remete a foracclusão conforme definida na seguinte passagem:

É num acidente desse registro [simbolização primordial] e do que nele se realiza, a saber a foracclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose. (LACAN, [1957/1958]1998, p. 572).

Dessa forma, este “na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe” ([1957/1958]1998, p. 572) também diz respeito a não inscrição na significação fálica, logo, a impossibilidade de assumir uma posição na partilha sexual como homem ou mulher. Então, o enunciado “[...] na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens” (LACAN, [1957/1958]1998, p. 572) pode ser reescrita como: na impossibilidade de assumir uma posição sexual na partilha dos sexos, resta-lhe ser a mulher que falta aos homens. Qual a mulher que falta aos homens?

Neste momento de seu ensino Lacan ainda não havia utilizado a expressão empuxo-à-mulher. Então, apresento um fragmento do caso Schreber para extrair, através da análise que Lacan faz deste caso, o que ele considerou como a mulher que falta aos homens.

Como disse anteriormente, Daniel Paul Schreber, doutor em direito, escreveu um livro, intitulado *Memórias de um Doente dos Nervos*, onde narra sua história de adoecimento e sofrimento psíquico. Freud ([1911]2010), no texto *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia (dementia paranoides) relatado em autobiografia*, expõe a análise que empreendeu a partir do livro de Schreber. No

Seminário livro 3: as psicoses e no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, Lacan analisa mais detidamente o caso Schreber, mas ao longo de seu ensino são encontradas outras referências sobre este caso.

A primeira crise de Schreber ocorreu após sofrer derrota nas eleições parlamentares pelo Partido Nacional Liberal. Nessa época, ele estava com quarenta e dois anos. Ele foi internado numa clínica para doenças nervosas, durante seis meses, devido a uma crise de hipocondria. Este período, segundo Schreber (2006, p. 53) ocorreu “sem qualquer incidente relativo ao domínio do sobrenatural”.

Nove anos depois, Schreber foi nomeado presidente da Corte de Apelação. Antes de assumir o cargo, ele sonhou algumas vezes que sua antiga doença havia voltado e foi nessa época que lhe veio a idéia, conforme descreve na seguinte passagem:

“[...] uma vez, de manhã, ainda deitado na cama (não sei se meio adormecido ou já desperto), tive a sensação que me perturbou de maneira estranha, quando pensei nela depois, em completo estado de vigília. Era a idéia de que *deveria ser realmente bom ser uma mulher se submetendo ao coito*” (grifo meu) (SCHREBER, 2006, p. 54).

Após assumir o cargo, não conseguia conciliar o sono, passando várias noites acordado e atormentado por ruídos e vozes. Queixando-se também de amolecimento cerebral, procura novamente a clínica, onde havia sido internado da primeira vez, e foi novamente internado. Seu estado piora e ele foi transferido para outra instituição, na qual permaneceu internado durante nove anos. É desse segundo período a construção de suas idéias delirantes, e onde escreve seu livro.

Aqui vou destacar algumas passagens do texto de Schreber relativas ao delírio de sua transformação em mulher: “experimentei duas vezes em meu próprio corpo durante minha internação (por pouco tempo) a realização desse milagre da

emasculação” (SCHREBER, 2006, p. 54). Ele descreve a emasculação da seguinte maneira:

os órgãos sexuais externos (escroto e membro viril) eram retraídos para dentro do corpo e transformados em órgãos sexuais femininos correspondentes, transformando-se simultaneamente também em órgãos sexuais internos. (SCHREBER, 2006, p. 65).

Entretanto, nesse período a ideia de ser transformado em mulher para fins sexuais era algo que Schreber não aceitava, e era visto como uma conspiração, da qual ele identificou posteriormente que Deus também fazia parte dela. Abaixo transcrevo algumas passagens, nas quais grifei os protestos de Schreber contra seu destino de ser transformado em mulher:

[...] foi preparada uma conspiração dirigida contra mim [...], que tinha como objetivo, [...] confiar-me a um homem de tal modo que minha alma lhe fosse entregue, ao passo que meu corpo [...] devia ser transformado em um corpo feminino e, como tal, entregue ao homem em questão para fins de abusos sexuais, devendo finalmente ser ‘deixado largado’, e portanto abandonado à putrefação. (SCHREBER, 2006, p. 67).

Que o próprio Deus fosse cúmplice, senão investigador, do plano que visava o assassinato da minha alma e o abandono do meu corpo como prostituta feminina, é um pensamento que só muito mais tarde se impôs a mim [...]. (SCHREBER, 2006, p. 69).

Eu próprio **sentia o perigo da emasculação** naturalmente **como uma ignomínia que me ameaçava**, durante muito tempo, ou seja, enquanto se falou de um abuso sexual do meu corpo por outros homens. Os nervos da volúpia, ou nervos femininos, que já tinham penetrado maciçamente no meu corpo, não puderam, por isso, no espaço de um ano ou mais, chegar a ter qualquer influência sobre a minha conduta e sobre o meu modo de sentir. Eu **reprimia qualquer movimento nesse sentido**, mobilizando meu **sentimento de hombridade** e a santidade das concepções religiosas que me dominavam quase que completamente. (SCHREBER, 2006, p. 114.)

É claro que aqueles raios que partiam da intenção de me “deixar largado” e, com esse objetivo, de destruir meu entendimento não perderam a ocasião de apelar imediatamente – e de um modo hipócrita – para o meu **senso de honra viril**; uma das locuções inúmeras vezes repetidas desde então, a cada manifestação das volúpias de alma, dizia: “Não se envergonha diante de sua esposa?”, ou de modo ainda mais vulgar: “Eis um presidente da Corte de Apelação que se deixa f...” Mas, por mais que **essas vozes fossem revoltantes para mim** e por mais justa que fossem as oportunidades de exprimir de algum modo a **minha justa indignação**, nas milhares

de vezes em que essas locuções se repetiram, com o tempo não me deixe mais confundir meu pensamento [...] (SCHREBER, 2006, p. 148).

Lacan destaca que até o momento do segundo desencadeamento da psicose, apesar de não estar inscrito na significação fálica, Schreber vivia conforme “seu papel de homem” (LACAN, [1955/1956]2002, p. 286), sabia que ele era um homem, “o que ele chama [...] sua honra de homem” (LACAN, [1955/1956]2002, p. 286). Sua virilidade era algo importante visto que protesta e rejeita sua transformação em mulher, conforme grifei nas citações do próprio Schreber. Nesse momento do delírio de Schreber, “não há para ele nenhum outro meio de realizar-se, de afirmar-se como sexual, senão admitindo-se como uma mulher, como transformado em mulher” (LACAN, [1955/1956]2002, p. 286).

Neste período, o desenvolvimento do delírio de Schreber está relacionado a um questionamento sobre seu sexo, “um apelo que lhe vem de fora” (LACAN, [1955/1956]2002, p. 286), dito de outra maneira, “pela entrada em jogo do enigma do Outro absoluto” (LACAN, [1955/1956]2002, p. 286) como aparece na idéia de que deveria ser bom ser mulher no momento da cópula. Aqui, voltando ao enunciado “[...] na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens” (LACAN, [1957/1958]1998, p. 572), Schreber diante da questão sobre seu sexo, ausente o significante que lhe permitiria assumir sua posição de ser sexuado, de responder desse lugar restou-lhe ser a mulher que falta aos homens. Nesse sentido, se ele não pode assumir uma posição masculina só lhe era possível ser mulher.

Desse modo, o processo de transformação em mulher nomeado como feminização, que envolve ideias delirantes de transformações corporais, por exemplo, ficaria restrito ao que acontece a alguns sujeitos do sexo masculino na

psicose. Apesar de que, se a questão em jogo refere-se à ausência da significação fálica, devido à forclusão do significante Nome-do-Pai, poderia indicar que esse fenômeno se apresentaria também nas mulheres. No entanto, penso que não seria possível dizer como isso aconteceria.

Voltando a Schreber, no segundo tempo do seu delírio ele aceita sua transformação em mulher para gerar com Deus uma nova humanidade. Agora sua transformação está de acordo com a Ordem do Mundo, sendo que o próprio Deus passa a estar submetido a ela, e dependente de Schreber para que essa nova humanidade seja gerada. Abaixo algumas passagens do texto de Schreber que mostram essa aceitação:

Fracassaram todas as tentativas de cometer assassinato de alma, de emasculação para fins contrários à ordem do Mundo (isto é, para satisfação do desejo sexual de um ser humano), e posteriormente, as tentativas de destruição do meu entendimento. Da luta aparentemente tão desigual entre um homem fraco e o próprio Deus, saio vencedor, embora após amargos sofrimentos e privações, porque a Ordem do Mundo está do meu lado. (SCHREBER, 2006, p. 70).

Naturalmente, a emasculação só poderia ter como conseqüência uma fecundação por raios divinos com a finalidade de criar novos homens. Essa mudança na orientação da minha vontade foi facilitada pelo fato de que eu naquela época não acreditava ainda em uma humanidade real, existente fora de mim, mas considerava todas as figuras humanas que via apenas como “feitas às pressas”, de modo que não era o caso de cogitar de qualquer espécie de vergonha por causa da emasculação. (SCHREBER, 2006, p. 147-148).

A partir de então, inscrevi em minha bandeira, com plena consciência, o culto da feminilidade e, à medida que a consideração pelo ambiente o permita, continuarei a fazê-lo, pensem de mim o que quiserem aqueles a quem escapam as razões sobrenaturais. Gostaria de ver qual o homem que, tendo de escolher entre tornar-se um idiota com aparência masculina ou uma mulher dotada de espírito, não preferiria a última alternativa. Mas é desse modo e apenas desse modo que a questão se coloca para mim. (SCHREBER, 2006, p. 148, grifo do autor).

A partir da mudança de Schreber em relação a sua transformação em mulher, agora para gerar novos homens, Lacan destaca que este período do

desenvolvimento do delírio de Schreber revela que “[...] há um homem que não pode ser senão a mulher de um Deus universal” (LACAN, [1955/1956]2002, p. 286). Então, aqui já não é mais a mulher que falta aos homens conforme o momento anterior do delírio, mas a mulher de um Deus. Novamente, evidenciando que em função da impossibilidade característica de sua estrutura, marcada pela forclusão, Schreber não tem escolha, seu destino é esse, contra isso ele não pode nada fazer. Contudo, ele agora é o único homem que pode salvar a humanidade, ou seja, já não é mais objeto das conspirações do Outro, o qual agora depende dele.

Sendo assim, Schreber como mulher de Deus não é mais a mulher que falta aos homens, ou seja, ele não é uma mulher que serve aos objetivos sexuais masculinos, ele é outra mulher, mulher de Deus. Então, aqui a possibilidade de ampliar esse fenômeno para mulheres é mais plausível. Entretanto, nessa época do ensino lacaniano não havia aparecido ainda a expressão empuxo-à-mulher, que só vai aparecer no texto *O Aturdido* (LACAN, [1973]2003). Abaixo transcrevo citação de Lacan na qual ele fala do empuxo-à-mulher, para em seguida desdobrar alguns trechos que possam indicar que o empuxo-à-mulher pode ser verificado também nos sujeitos do sexo feminino na psicose. Para isso utilizei as análises de alguns psicanalistas que trataram sobre esse tema. O empuxo-à-mulher foi citado por Lacan na seguinte passagem:

Desenvolvendo a inscrição que fiz da psicose de Schreber por uma função hiperbólica, poderia demonstrar, no que ele tem de sarcástico, o efeito de empuxo-à-mulher, que se especifica pelo primeiro quantificador, depois de precisar que é pela irrupção de Um-pai como sem razão que se precipita, aqui, o efeito sentido como de forçamento para o campo de um Outro a ser pensado como o mais estranho a qualquer sentido. (LACAN, [1973]2003, p. 466).

Primeiro assinalo o seguinte trecho “o efeito de empuxo-à-mulher, que se especifica pelo primeiro quantificador” (LACAN, [1973]2003, p. 466). O primeiro

quantificador remete às formulas da sexuação. Lacan reescreveu o mito edipiano a partir de duas articulações lógicas que “situam a inscrição do sujeito na função fálica” (SOLER, 2007, p. 14), que ele denominou fórmulas da sexuação. Soler (2007) ressalta que, em um momento anterior do ensino lacaniano, antes das fórmulas da sexuação, na medida em que a significação fálica é o efeito da metáfora paterna, já estava presente desde a metáfora “a captura do sujeito nessa significação” (SOLER, 2007, p. 14). O que sublinho como diferença, dentre outras, nesta forma de reescrever o mito edipiano a partir das articulações lógicas é a definição da mulher como não-toda.

No texto *Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina* (LACAN, [1960]1998), anterior ao seminário onde Lacan expõe as fórmulas da sexuação, já havia um questionamento sobre a deficiência do mito edipiano em relação “à proibição do incesto entre o pai e a filha” (LACAN, [1960]1998, p. 745). Dentre outras questões, esta sobre o Édipo na menina deve ter sido um dos motivos para a formulação das fórmulas da sexuação.

Antes de descrever as fórmulas da sexuação, volto a algumas pontuações que também auxiliaram a fundamentar a manifestação do empuxo-à-mulher no sujeito feminino na psicose.

O homem por ser um ser de linguagem, apesar de nascer menino ou menina, precisará se tornar homem ou mulher. A posição sexual do sujeito está ligada ao aparelho simbólico, onde o Édipo instaura a lei da sexualidade, conforme descreve Lacan na seguinte passagem:

Se o reconhecimento da posição sexual do sujeito não está ligado ao aparelho simbólico, a análise, o freudismo, não tem mais razão de existir, não significam absolutamente nada. O sujeito encontra o seu lugar num aparelho simbólico pré-formado que instaura a lei na sexualidade. E essa lei não permite mais ao sujeito realizar sua sexualidade senão no plano simbólico. (LACAN, [1955/1956]2002, p. 195).

Desse modo, a anatomia seria o destino se o homem não estivesse imerso na linguagem (GERBASE, 1999). Entretanto, a anatomia marca uma “mínima diferença” (KEHL, 2008, p. 9), pois, por exemplo, quando nasce uma criança seus pais escolhem o nome a partir do sexo biológico, como evidenciado por Kehl (2008, p.9) na citação abaixo:

somos desde o início e para sempre ‘homens’ ou ‘mulheres’ porque a cultura assim nos designou e nossos pais assim nos acolheram a partir da mínima diferença inscrita em nossos corpos, com a qual teremos de nos haver para constituir, isto sim, o desejo, a posição a partir da qual desejamos, o objeto que haveremos de privilegiar e o discurso a partir do qual enunciaremos nossa presença no mundo.

Apesar dessa diferença anatômica, o biológico é secundário porque o tornar-se homem ou mulher está relacionado a “acontecimentos de discurso aos quais os órgãos deverão se conformar (ou não). Disso são testemunho as inadequações entre sexo anatômico e o sexo psíquico” (GOYATA, 2008, p.2). Visto que “a sexualidade se representa no psiquismo por uma relação do sujeito que se deduz de outra coisa que não a sexualidade mesma. A sexualidade se instaura no campo do sujeito por uma via que é a da falta” (LACAN, [1964]1998, p. 194). Disso decorre, então, que “[...] o que se deve fazer, como homem ou como mulher, o ser humano tem que aprender, peça por peça, do Outro” (LACAN, [1964]1998, p. 194).

Aqui não é possível dizer como o empuxo-à-mulher pode ser verificado na mulher. Contudo, se a posição sexual do sujeito “depende do que desenrola no Outro” (LACAN, [1957/1958]1998, p. 555), é do Outro que ele tem que aprender o que fazer, na psicose o que se encontra no Outro no lugar da significação fálica é um furo. Então, a mulher na estrutura psicótica também não tem como assumir sua posição na partilha sexual. Se o empuxo-à-mulher é efeito da forclusão, então, é possível pensar que pode ser identificado em sujeitos femininos na psicose. Mas,

necessário primeiro precisar como isso pode ser identificado, então retomo as fórmulas da sexuação.

Abaixo segue o quadro das fórmulas da sexuação. Entretanto, não analisei todas as fórmulas e seus possíveis desdobramentos, detive-me somente naquilo que permitiu o desdobramento da citação lacaniana sobre o empuxo-à-mulher.

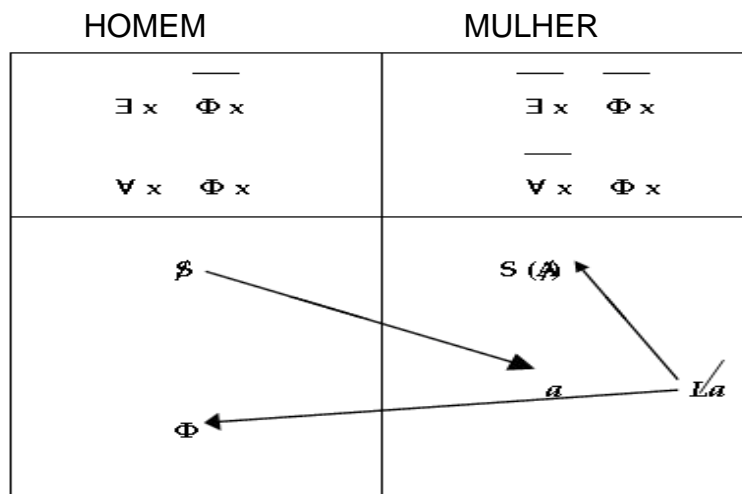


Figura 1 – Quadro das fórmulas da sexuação

Fonte Lacan ([1972/1973]1985, p. 105)

Lacan ([1972/1973]1985) apesar de ter dividido o quadro em dois lados, lado homem e lado mulher, diz que a posição num lado ou no outro, independente do sexo biológico. Em outras palavras, o homem e a mulher podem se posicionar em qualquer um dos lados, conforme pode ser observado na citação abaixo:

Quem quer que seja ser falante se inscreve de um lado ou de outro. [...] A todo ser falante, como se formula expressamente na teoria freudiana, é permitido, qualquer que ele seja, quer ele seja ou não provido dos atributos da masculinidade – atributos que restam a determinar – inscrever-se nesta parte [lado mulher] (LACAN, [1972/1973]1985, p. 107).

No lado esquerdo, o quantificador $\forall x \Phi x$, para todo x , função de x , significa que todo homem está submetido à função fálica, ou seja, à castração – todos os

homens são castrados. Já o quantificador $\exists x \bar{\Phi}x$, existe um x para o qual não função de x, existe um que não esteja submetido à castração.

Este um não castrado é a exceção que confirma a regra. Lacan faz essa formulação a partir do princípio de que “não há universal que não deva ser contido por uma existência que o negue” (LACAN, [1973]2003, p. 450). Melman (2005) faz uma análise sucinta, a partir do exemplo que Lacan utiliza, para fundamentar esse princípio de que a exceção funda a regra. Qualquer qualitativo que possa ser dado à afirmação “[...] todo homem é... [...]” (MELMAN, 2005, p. 49), “todo homem é mortal”¹³, por exemplo, é necessário que exista ao menos um que não seja mortal, ou seja, um que seja imortal: “Deus, por exemplo” (MELMAN, 2005, p. 49). Dessa forma, para fundar a categoria do universal, no caso do mortal, somente é possível se for postulado ao menos uma exceção que venha desmentir a regra. “Isso significa, por exemplo, que se todo homem é castrado, isso só pode ser dito senão porque há ao menos uma exceção, um Deus no real que não é castrado” (MELMAN, 2005, p. 50).

Outra maneira de entender essa exceção que funda a regra pode ser percebida nessa frase: “[...] para o homem, a menos que haja castração, quer dizer, alguma coisa, que diga *não* (grifo meu) à função fálica, não há nenhuma outra chance que ele goze do corpo da mulher [...]” (LACAN, [1972/1973]1985, p. 97). Aqui, destaco esse *não* como a exceção, algo que fica de fora do conjunto dos homens, ou seja, aquele que não é castrado, logo o único “detentor” do falo. O *não* no sentido de “você não é, não tem o falo”, marcando assim o conjunto dos homens. Nesse sentido, *homem* também pode se referir aos seres humanos, aos seres falantes, visto que as mulheres também estão submetidas à castração.

¹³Melman (2005) ressalta que esse exemplo que Lacan utilizou a propósito de “Sócrates não está em Aristóteles, mas os sucessores de Aristóteles que propuseram isso” (MELMAN, 2005, p. 49).

No lado direito, o quantificador $\bar{\exists}x \bar{\Phi}x$, não existe nenhum x para o qual não função de x, significa que não existe nenhuma mulher que não seja castrada, isto é, todas as mulheres são castradas, não existe a mulher não castrada. Porém, o quantificador $\bar{\forall}x \Phi x$, delimita o que é específico desse lado mulher, ou seja, ela não está toda submetida à função fálica, conforme definição abaixo:

quando escrevo $\bar{\forall}x \Phi x$ esta função inédita na qual a negação cai sobre o quantificador a ser lido *não-todo*, isto quer dizer que quando um ser falante qualquer se alinha sob a bandeira das mulheres, isto se dá a partir de que ele se funda por ser não-todo a se situar na função fálica. (LACAN, [1972/1973]1985, p. 98).

No lado mulher, portanto, não há a exceção, ou seja, a mulher não castrada que funde a regra, o universal, o conjunto das mulheres. Qualquer ser falante que se inscreva neste lado “não permitirá universalidade, será não-todo, no que tem a opção de se colocar na Φx ou bem de não estar nela” (LACAN, [1972/1973]1985, p. 107).

Então, voltando a citação lacaniana “o efeito de empuxo-à-mulher, que se especifica pelo primeiro quantificador” (LACAN, [1973]2003, p. 466), do lado homem o primeiro quantificador, $\exists x \bar{\Phi}x$, é a exceção que funda o conjunto, ou seja, o único não castrado. Do lado mulher, o primeiro quantificador, $\bar{\exists}x \bar{\Phi}x$, indica que todas as mulheres são castradas, marcando que não existe a exceção – a mulher não castrada. Dessa forma, tanto de um lado quanto do outro indica a exceção, não castrado, o que evidencia que o empuxo-à-mulher se especifica por uma posição de exceção, de não castrado. No caso Schreber, a Mulher de Deus explicita essa posição.

Nesse sentido, o trecho “Desenvolvendo a inscrição que diz da psicose de Schreber por uma função hiperbólica, poderia demonstrar, no que ele tem de sarcástico” (LACAN, [1973]2003, p. 466), a função hiperbólica indica que a

conclusão da transformação de Schreber, assim como a criação da nova humanidade estão projetadas para o futuro, ou seja, para o infinito. E o que tem de sarcástico, no sentido da ironia, é a impossibilidade de ocupar o lugar impossível de exceção em qualquer um dos lados das fórmulas da sexuação (CAMPBELL DA GAMA, 2009).

Voltando a palavra empuxo-à-mulher, que mulher é essa? O quantificador do lado mulher, $\exists x \bar{\Phi}x$, indica também a exceção, ou seja, a mulher não castrada, *A Mulher que não existe*. Por isso que “[...] A mulher, isto só se pode escrever barrando-se o A. Não há A mulher, artigo definido para designar o universal. Não há A mulher pois [...] por sua essência ela não é toda” (LACAN, [1972/1973]1985, p. 98). Nesse sentido, se não existe *A Mulher* que funde, como exceção, o conjunto das mulheres, elas “só podem ser contadas uma a uma” (CAMPBELL DA GAMA, 2009, p. 41).

Nesse sentido, o empuxo-à-mulher exprime “o efeito sentido como de forçamento para o campo de um Outro a ser pensado como o mais estranho a qualquer sentido” (LACAN, [1973]2003, p. 466). Dito de outra maneira, como não é possível situar-se num dos lados, pois não inscreveu a castração na psicose, há esse forçamento, esse empuxo ao campo do Outro não barrado, não castrado – o empuxo-à-mulher. Beneti (2005) prefere, por esse motivo, escrever empuxo-À-Mulher.

Voltando ao caso Schreber, esse forçamento pode ser percebido na sua recusa a ser transformado em mulher no primeiro período do delírio. Mas, mesmo quando o objetivo da transformação passa a ser a redenção da humanidade, ainda pode ser verificado que não se trata de uma escolha, é algo ao qual ele não pode

dizer não. Nesse sentido, como característico da estrutura: uma escolha forçada.

Abaixo transcrevo uma passagem onde isso é evidenciado:

Até então, eu sempre contara com a possibilidade de acabar precisando pôr um fim à minha vida por meio do suicídio, caso não sucumbisse a um daqueles numerosos milagres ameaçadores; além do auto-sacrifício, só parecia restar, no domínio do possível, alguma outra saída de um tipo terrível, jamais verificado entre os homens. Mas a partir daí tive a absoluta convicção de que a Ordem do Mundo **exigia imperiosamente** (grifo meu) de mim a emasculação, **quer isso me agradasse pessoalmente ou não** (grifo meu) e, portanto, por motivos racionais, **nada mais me restava** (grifo meu) senão me reconciliar com a idéia de ser transformado em mulher. (SCHREBER, 2006, p. 147).

Sendo assim, o empuxo-à-mulher pode ser definido como um forçamento para o Outro absoluto, numa posição que aponte para *A Mulher*, a mulher não castrada, a mulher toda, ou seja, *A Mulher* que não existe. Desse modo, voltando à citação por onde iniciei essa construção “[...] na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens” (LACAN, [1957/1958]1998, p. 572). Agora é possível dizer que “a mulher que falta aos homens” pode ser entendido como *A Mulher*, a que não existe, que falta aos homens, no sentido dos seres falantes, portanto, *A Mulher* que falta aos homens e as mulheres. A outra citação: “[...] há um homem que não pode ser senão a mulher de um Deus universal” (LACAN, [1955/1956]2002, p. 286), relativa ao segundo momento do delírio de Schreber, já indicava que essa mulher de Deus é *A Mulher*, aquela que não existe.

Nesse sentido, o empuxo-à-mulher pode se manifestar também entre as mulheres. Para Beneti (2005), por exemplo, em toda construção do tipo “Mulher de Deus”, como acontece no caso Schreber, há a indicação de que “essa mulher é Toda, é uma exceção, fora da castração, ou seja, que é ‘*A Mulher*’ que falta à humanidade” (BENETI, 2005, p. 4). Maleval (2009, p.300) cita alguns exemplos de

construções desse tipo observadas em mulheres: “a mãe única e a Virgem eterna”¹⁴, “a muito elevada”¹⁵, “a Estrela”¹⁶, “a papisa ‘Pía’ XIV”¹⁷, “a mãe da humanidade”¹⁸.

Retomando o caso Maria, o delírio de ser a mãe da humanidade representa uma construção deste tipo Mulher toda, não castrada, ou seja, o empuxo-à-mulher. No primeiro desencadeamento: a voz que lhe disse que ela era a mãe do mundo. No segundo desencadeamento: seus filhos Jesus, Jeová e Amém dizem que ela era a mãe da humanidade.

Desse modo, a questão sobre qual a posição possível para Maria diante da disjunção mãe/mulher, a partir do que foi desenvolvido sobre o empuxo-à-mulher, algumas considerações podem ser realizadas sobre essa questão. Conforme a análise dos quantificadores das fórmulas da sexuação, no lado mulher a posição é não-toda fálica, o que já marca uma divisão: por um lado na função fálica, mas não-toda nessa função.

Entretanto, uma vez que ela pode se colocar na função fálica ou não estar nela de todo, no caso da mulher como mãe ela está referida ao falo (ALBERTI; BARBOSA, 2012). Então, para o sujeito feminino como mãe na psicose, devido a não inscrição na função fálica, a situação da maternidade pode lhe colocar frente a impasses. Por outro lado, fora da função fálica, como mulher também lhe é impossível se posicionar visto que a especificidade da mulher é não-toda na função fálica.

Nesse sentido, para Campbell da Gama (2009) diante da impossibilidade de se posicionar na partilha sexual, o psicótico pode inventar uma solução delirante através do trabalho feito em torno do empuxo-à-mulher. A referida autora

¹⁴ “la madre única y la Virgen eterna”.

¹⁵ “la muy elevada”.

¹⁶ “la Estrella”.

¹⁷ “la papisa Pía XIV”.

¹⁸ “la madre de la humanidad”

fundamenta essa formulação a partir do caso Schreber. O segundo desencadeamento da psicose de Schreber é analisado como efeito devastador do empuxo-à-mulher (CAMPBELL DA GAMA, 2009), e os efeitos do primeiro tempo do delírio de Schreber mostram todo seu sofrimento diante da idéia delirante de ser transformado em mulher para fins sexuais. Já no segundo momento do delírio, quando Schreber aceita sua transformação, Campbell da Gama (2009) diz que a construção delirante desse momento possibilitou um apaziguamento dos efeitos devastadores iniciais do empuxo-à-mulher.

Campbell da Gama (2009) fundamenta esta sua formulação a partir do princípio de que se o empuxo-à-mulher é o efeito da forclusão do Nome-do-Pai, pode se apresentar inicialmente como algo que provoque o desencadeamento. Nesse sentido, aparece como um forçamento ao campo do Outro “[...] a ser pensado como o mais estranho a qualquer sentido” (LACAN, [1973]2003, p. 466). A partir dessa enunciação, Campbell da Gama (2009) demonstra a importância das formulações sobre o empuxo-à-mulher para a direção do tratamento psicanalítico na psicose. No entanto, a autora ainda adverte que nem sempre é fácil na clínica identificar a manifestação do empuxo-à-mulher, além de não ser uma solução possível para todos os casos, ou seja, deve ser considerado o singular de cada sujeito.

No caso Maria, quando comecei a escutá-la no ambulatório de psicologia, no dizer de Maria, ela já não ouvia mais a “voz”, a voz que dizia que ela era a mãe do mundo, nem as “vozes” que lhe ordenavam fazer todo tipo de coisas. Contudo, havia um temor constante de que “as vozes” voltassem a atormentá-la. No segundo desencadeamento, entretanto, ela se diz a mãe da humanidade porque seus filhos, não qualquer filho, mas Jesus, Jeová e Amém assim o disseram.

Dessa forma, penso que no caso Maria o empuxo-à-mulher pode ser identificado como uma solução encontrada por ela diante dos impasses da maternidade. Dito de outra maneira, o lugar de mãe era impossível, pois está fora da função fálica, não tem como atribuir um filho à sua pessoa, conforme descrevi no capítulo anterior ao analisar a tentativa de atear fogo no quarto da filha dizendo que ela não era sua filha.

No segundo desencadeamento, esta impossibilidade na posição de mãe pode ser notada na fala de Maria ao se denominar como a mãe da humanidade: “eu não, a (Maria) cristã, são duas em uma, a **(Maria) não é mãe de ninguém** (grifo meu), mas a (Maria) cristã é a mãe do mundo”. Aqui, entendo que uma vez que lhe é impossível atribuir um filho à sua pessoa, também não pode se colocar como não-toda mulher, porque está foracluída da função fálica. A posição possível é a de exceção, só que essa não existe, conforme especificado no quantificador, $\bar{\exists}x \bar{\Phi}x$, do lado mulher, que significa que todas as mulheres são castradas, não há nenhuma que não seja castrada.

Nesse sentido, como não pode ser mãe, tampouco não-toda mulher, ou seja, não é possível se colocar em nenhum dos lados da partilha sexual, o possível para ela foi ser a mãe da humanidade, a mulher toda, não castrada, A Mulher que não existe. Não se verifica no caso Maria, portanto, uma disjunção entre mãe e mulher, mas uma equivalência mulher/mãe. A Mulher/Mãe não castrada, a exceção, A mulher que não existe.

Entretanto, isso não quer dizer que ela faz existir A Mulher. Se A Mulher existisse, ela seria a exceção, a mulher não castrada que confirmaria a regra, portanto fundaria o conjunto das mulheres. Nesse caso, o quantificador, $\bar{\exists}x \bar{\Phi}x$, do

lado mulher teria que ser retirado, já que o mesmo afirma que todas as mulheres são castradas (MALEVAL, 2002; CAMPBELL DA GAMA, 2009).

Desse modo, para finalizar, o sujeito na psicose não faz A Mulher existir, A Mulher não existe para todo ser falante. Contudo, não é sem cessar que homens e mulheres busquem formas de tentar fazer A Mulher existir. O amor, por exemplo, pode ser uma forma, para o homem, de tentar fazer existir A mulher, a única, a absoluta sem a qual a vida dele estaria perdida. A maternidade pode ser outra forma de fazer existir A Mulher, uma vez que para a religião cristã “a mulher só existe em posição de mãe, é a mãe que é reconhecida e celebrada por ela (MELMAN, 2005, p.14)”, para a qual Maria, a mãe de Jesus Cristo, é considerada a mãe da humanidade. Então, foi inspirada nesta tradição religiosa que escolhi o significante Maria para me referir ao sujeito do caso clínico escolhido para estudo no presente trabalho. Para mostrar que no caso clínico Maria, o delírio de ser a mãe da humanidade, é uma forma de, na psicose, o sujeito tentar fazer existir A Mulher.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fim e o começo. O presente trabalho “começou” com o “fim” da monografia que apresentei na Especialização, sob forma de residência, em Psicologia Clínica e Saúde Mental. Neste trabalho, utilizei um caso clínico para demonstrar as especificidades, e também as dificuldades, do diagnóstico a partir da psicanálise. Ao terminar esta monografia outras questões emergiram, a partir delas pude construir o presente estudo.

Estas questões auxiliaram a elaborar o presente trabalho que teve como questão: como uma mulher na psicose pode responder à convocação fálica da maternidade? Com o objetivo de abordar essa questão: primeiro busquei delinear a especificidade da estrutura psicótica a partir das operações de alienação e separação, evidenciando que na psicose não se efetiva a operação de separação. Escolhi começar por essas operações para mostrar que a constituição do sujeito ocorre no campo do Outro, lugar da linguagem, do inconsciente, dos significantes. Desse modo, evidenciar que o sujeito é causado pelos significantes para a partir daí delinear a condição da psicose: a forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e conseqüentemente a não efetivação da metáfora paterna, que deixa no Outro um furo no lugar da significação fálica.

Devido à forclusão do Nome-do-Pai, na psicose não há um significante que represente o sujeito para outro significante. Como a metáfora não acontece o significante Nome-do-Pai, uma vez foracluído, não vem no lugar do desejo da mãe, logo não há recalque. Deste modo, o sujeito na psicose não se constitui como um sujeito dividido e não pode assumir sua posição de sujeito desejante. O sujeito na

psicose encontra-se na posição de alienação ao discurso do Outro. A forclusão do Nome-do-Pai demarca, então, uma forma específica de constituição na linguagem.

Assim, o desencadeamento da psicose vai ocorrer quando o significante foracluído é chamado no lugar onde nunca esteve. Toda situação que faça apelo ao significante foracluído, ou seja, um terceiro que faz oposição simbólica ao sujeito provocará o desencadeamento da psicose. Então, procurei demonstrar no caso Maria os dois momentos do desencadeamento da psicose: o primeiro ao realizar uma cirurgia para retirada da tireóide e o segundo quando soube da gravidez da amante do marido. Destaquei, também, a “voz” que dizia que ela era a mãe do mundo, assim como no segundo desencadeamento os filhos que diziam que ela era a mãe da humanidade, além da situação que provocou o segundo desencadeamento: a gravidez da amante do marido. Nesse sentido, o objetivo foi delinear os aspectos que pudessem fundamentar a convocação fálica no caso Maria.

Então, procurei primeiro descrever as relações entre maternidade e o falo. Em Freud fui buscar a origem dessa relação mãe e falo. Segundo a teoria freudiana, apesar do falo poder ser representado por outros objetos, o pênis ainda permaneceu como um objeto privilegiado. Ao considerar a inveja falo/pênis como a marca do psiquismo da mulher, a maternidade foi considerada única saída para a feminilidade, ou seja, a mulher renunciava ao falo/pênis para poder tê-lo de volta com uma compensação através do filho. Mesmo o filho sendo considerado com um substituto simbólico, no entanto era uma compensação para a falta fálica da mãe. Logo, a condição da mulher, da sua feminilidade seria a maternidade.

A partir do ensino lacaniano, o falo é considerado como o significante do desejo. Desse modo, o filho como substituto fálico inscrito, portanto, no desejo da

mãe permite que ela possa inserir a criança na linguagem. Por outro lado, se o falo é o significante do desejo da mãe, não há o significante que represente A mulher, conforme a proposição lacaniana *A Mulher não existe*. Desse modo, procurei mostrar que a mediação do falo não especifica a mulher, pois a mulher está não-toda inscrita na função fálica. Mas se o desejo de mulher impede que a mãe fique toda ocupada com o filho, essa ausência pode se tornar indecifrável para a criança, o que dificulta sua inscrição na linguagem. Pois, embora o filho possa ter tomado como um substituto fálico, ele surge como um objeto real.

Depois de delinear a relação maternidade e falo, trouxe um fragmento do caso Aimée para analisar como o nascimento de um filho pode provocar o desencadeamento da psicose. Diante do objeto real, da coisa viva sem linguagem, que o nascimento do filho representou para Aimée, foracluída da significação fálica, ela não pode produzir um sentido que lhe permitisse cuidar da criança.

Mas, o caso Maria não se tratava do nascimento de um filho. Então, descrevi a análise que Lacan fez de dois fragmentos clínicos que evidenciavam questões referentes à procriação. Assim, procurei mostrar como Lacan conduziu a análise para evidenciar que tanto na fantasia de gravidez do caso de histeria, quanto no delírio de Schreber, o que estava em questão era o significante procriação. Mostrei também como Lacan, a partir da questão do que é ser pai, chegou ao significante, o que o levou a afirmar que tanto a paternidade quanto a maternidade não estão reduzidas ao nível da experiência.

Assim, assinalei que é o significante Nome-do-Pai que permite tanto ao pai com a mãe atribuírem um filho à sua pessoa, uma vez que o significante Nome-do-Pai, enquanto significante da lei da proibição do incesto delinea relações de parentesco. Dessa forma, o pai reconhece sua participação na procriação, e a mãe

além de inscrever o filho no campo do seu desejo, reconhece o filho não como objeto dela, mas como o produto da relação com o homem.

A partir destas elaborações, retomei os casos Maria e Aimée para mostrar que, devido à impossibilidade de atribuir um filho à sua pessoa, uma vez ausente a significação fálica, Aimée atormentada com as idéias delirantes de perseguição, de ameaça contra seu filho, não consegue exercer sua função materna. Enquanto que Maria, quando do desencadeamento da psicose, tentou atear fogo no quarto da filha dizendo que não era sua filha.

Além disso, pude dizer que por não poder contar com o significante Nome-do-Pai, Maria não tinha como lidar com o significante procriação, no dizer lacaniano, saber o que liga dois seres no aparecimento da vida. Foi nesse sentido que tomei a gravidez da amante do marido como significante da procriação, o que me levou a chamar impasses frente à maternidade.

Entretanto, o ensino lacaniano estabelece uma disjunção entre mãe e mulher. Nesse sentido, para Maria não lhe foi possível o lugar de mãe, tampouco o lugar de mulher não-toda. Devido a não inscrição da função fálica, logo sem poder se posicionar em relação a diferença sexual, que lugar era possível para Maria?

Desse modo, propus analisar o empuxo-à-mulher, visto que, conforme Soler (2007), é o efeito da forclusão do Nome-do-Pai no que se refere a sexuação. Contudo, o termo empuxo-à-mulher foi citado apenas uma vez por Lacan para falar sobre a construção delirante de Schreber, e geralmente utilizado para tratar dos processos de feminização dos sujeitos masculinos na psicose. Então, a partir da citação de Lacan, na qual ele fala coloca o termo empuxo-à-mulher, busquei nos textos de Lacan anteriores a esta citação referências que pudessem delinear e fundamentar a manifestação do empuxo-à-mulher na mulher na psicose.

Através de algumas citações, nas quais Lacan escreveu sobre o processo de feminização no caso Schreber, mostrei dois modos diferentes de Lacan se referir a este processo. Um se referia ao primeiro período do delírio, no qual Schreber rejeitava sua transformação em mulher para fins sexuais, e o outro quando Schreber aceitou sua transformação em mulher para gerar com Deus uma nova humanidade. Ilustrei esses dois momentos trazendo passagens do texto do próprio Schreber. Nestes dois momentos, havia o destaque para uma questão da estrutura psicótica: devido à forclusão, conseqüentemente a não inscrição da significação fálica, não era possível a Schreber assumir sua posição sexual, logo lhe restava ser a mulher.

O fragmento da citação lacaniana sobre o empuxo-à-mulher que faz referência ao primeiro quantificador levou-me a descrição dos quantificadores das fórmulas da sexuação. No lado homem, o primeiro quantificador indica a exceção que funda o conjunto do homem, ou seja, existe pelo menos um que não seja castrado. No lado mulher, o primeiro quantificador ao afirmar que não existe nenhuma mulher que não seja castrada, indica que não há exceção que funde o conjunto da mulher, o que coloca a mulher como não-toda referida à função fálica. Então, como não inscrita a função fálica, Schreber não poderia se posicionar em nenhum dos lados. O lugar possível como Mulher de Deus remete então a mulher não castrada, a exceção que não existe, ou seja, A Mulher que não existe.

Então, a questão não é o sexo anatômico, pois conforme o ensino lacaniano, o ser humano assume sua posição sexual a partir do campo do Outro. A partir de Beneti (2005), que escreve o empuxo-À-Mulher, ou seja, o empuxo para A Mulher que não existe, pude fundamentar o que já havia encontrado neste autor, ou seja, que toda manifestação do tipo Mulher de Deus remete A Mulher toda, não castrada, A Mulher que não existe.

Desse modo, pude fundamentar que “a mãe da humanidade”, no caso Maria indica a manifestação do empuxo-à-mulher. A partir desta análise pude localizar o lugar possível para Maria, que por não poder ser mãe de ninguém, tampouco mulher não-toda, restou-lhe ser A Mãe da humanidade. Logo, no caso Maria, não há mãe, nem mulher, mas A Mulher/Mãe.

Sendo assim, escolhi o título do segundo capítulo, *mãe da humanidade: a estrutura psicótica*, sem o significante o artigo A, para designar o singular da estrutura de Maria. O terceiro capítulo, *a mãe: impasses frente à maternidade*, para indicar os impasses frente à maternidade da Maria que, no seu dizer, não é mãe de ninguém. E o quarto capítulo, *a mãe da humanidade: o empuxo-à-mulher*, com o artigo A para dizer de sua posição de Mulher/Mãe, A Mãe da humanidade, A Mulher que não existe.

A pesquisa psicanalítica a partir da clínica coloca alguns desafios. Penso que seu fundamento é tocar o singular de cada caso articulando assim teoria e clínica. Contudo, às vezes uma tarefa desafiadora. No caso Maria, uma delas foi tratar sobre impasses frente à maternidade em uma mulher que não podia mais ter filhos, o outro foi buscar no empuxo-à-mulher uma resposta para essa posição de ser a mãe da humanidade.

Quantos aos impasses frente à maternidade, ressalto que o que está em causa é o significante. Os efeitos da forclusão do significante Nome-do-Pai. Desse modo, penso que nas psicoses ditas puerperais também é do significante que se trata, da forclusão do significante Nome-do-Pai.

Contudo, é preciso ressaltar que a não inscrição na referência fálica na psicose significa impedimento à maternidade. Segundo Barbosa (2013, p. 65) “a forclusão do significante Nome-do-Pai não impossibilita a maternidade, e sim põe a

céu aberto toda uma outra modalidade de exercício da maternidade [...]”. A análise caso clínico Maria mostrou também que não foi o nascimento de sua filha que provocou o desencadeamento da psicose, e ela pode cuidar de sua filha. O que levanta a questão para se pesquisar a relação maternidade e psicose fora da referência fálica.

No que se refere a análise do empuxo-à-mulher, no caso Maria permitiu dizer sobre a posição “mãe da humanidade” como uma resposta diante da convocação fálica da maternidade. Contudo, penso que preciso avançar para poder falar sobre a direção do tratamento na psicose a partir do empuxo-à-mulher, conforme proposta de Campbell da Gama (2009).

Nesse sentido, penso que abordar a psicose a partir da tese lacaniana de que “não há relação sexual” permitirá avançar na questão sobre a procriação, e conseqüentemente a considerar outra perspectiva sobre os impasses frente à maternidade. Assim como, analisar o empuxo-à-mulher como a irrupção de um gozo sem limites, como alguns autores propõem, possibilitará verificar possíveis efeitos na direção do tratamento psicanalítico da psicose a partir do empuxo-à-mulher.

Por fim, retomo a questão de como uma mulher na psicose pode responder à convocação fálica da maternidade. No caso Maria, diante da gravidez da amante do marido, situação que fez apelo ao significante foracluído, Maria responde conforme o modo de sua constituição de sujeito na linguagem, ou seja, conforme a sua estrutura psicótica: ela é a mãe da humanidade. Resposta específica também do singular desse sujeito.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho. Apresentação. In: _____. **O homem e a serpente: outras histórias para a loucura e a psiquiatria**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996. p. 13-26.

_____. Sobre duas proposições relacionadas à clínica e à reforma psiquiátrica. In: QUINET, A. (org.). **Psicanálise e psiquiatria: controvérsias e convergências**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001. p. 103-110.

ARAÚJO, Maria Antonieta Nascimento. Fronteira entre a Psicologia e a Fisioterapia. In. **Temas multidisciplinares de neuropsicologia e aprendizagem**. São Paulo: Robe Editorial, 2004.

BARBOSA, Lauro da Silva; ALBERTI, Sônia. A questão da procriação na psicose. In: V Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XI Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, 2012, Fortaleza. **Anais – trabalhos completos**. Disponível em <http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/v_congresso/mr_63_-_lauro_barbosa_e_sonia_alberti.pdf> Acesso em: 04 mar. 2013.

BARBOSA, Lauro da Silva. **A maternidade na psicose**. 72 f. Mestrado. (Programa de Pós-graduação em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://www.bdt.d.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7652. Acesso em: 24 abr. 2015.

BARROS, Fernanda Otoni de. O pai e sua função na psicanálise. In: _____. **Do direito ao pai: a paternidade no tribunal e na vida**. Belo Horizonte: Del Rey, 2005. p.93-106.

BENETI, Antônio. Do discurso analista ao nó borromeano: contra a metáfora delirante. **Opção lacaniana online**. Minas Gerais, n. 3, 2005. Disponível em: <<http://www.opcaolacanianana.com.br/antigos/n3/pdf/artigos/ABDiscurso.pdf>>. Acesso em 17 jul. 2012.

BIRMAN, Joel. Um passo à frente e dois atrás? In: _____. **Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação nem psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 15-30.

_____. As mulheres desejam o poder?. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652011000100002&lng=en&nrm=iso>. Access em 23 mar. 2012.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde Mental no SUS: acesso ao tratamento e mudança no modelo de atenção**. Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/relatorio_gestao_saude_mental_2003_2006.pdf>. Acesso em: 17 out. 2010.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde Mental em Dados – 7**, ano V, nº 7. Informativo eletrônico. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/smdados.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2010.

CAMACHO, Renata Sciorilli et al. Transtornos psiquiátricos na gestação e no puerpério: classificação, diagnóstico e tratamento. **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo, v. 33, n. 2, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832006000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 maio 2011.

CAMPBELL DA GAMA, Vanessa. **Sexuação na psicose**: o empuxo-à-mulher. 114f. Mestrado. (Programa de Pós-graduação em Teoria psicanalítica) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.psicologia.ufrj.br/teoriapsicanalitica/arquivos//documentos/56876F3CEA7143F46C75A57AEEA0806C.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2011.

CANTILINO, Amaury et al. Transtornos psiquiátricos no pós-parto. **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo, v. 37, n. 6, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832010000600006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 maio 2011.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Metodologia de pesquisa e psicanálise. In: LERNER, R. & KUPFER, M. C. M. *Psicanálise com crianças: clínica e pesquisa*. São Paulo: Escuta, 2008. p. 63-91.

FIGUEIREDO, Ana Cristina; MACHADO, Ondina Maria Rodrigues. O diagnóstico em psicanálise: do fenômeno à estrutura. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, dez. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982000000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 abr. 2009.

FIGUEIREDO, Ana Cristina NOBRE; Letícia; VIEIRA, Marcos André. Pesquisa Clínica em Psicanálise. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, Rio de Janeiro, ano 2, n. 1, 1º semestre de 2002. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v2n1/artigos/Comunica%E7%E3o%201.htm>>. Acesso em 14 jul. 2011.

FIGUEIREDO, Ana Cristina. A construção do caso clínico: uma contribuição da psicanálise à psicopatologia e à saúde mental. **Rev. Latinoam. de Psicopat. Fund.**, São Paulo, ano VII, n. 1, mar. 2004. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/mar4/5.pdf>>. Acesso em 15 abr. 2012.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em Psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **J. psicanál.**, São Paulo, v. 39, n. 70, jun. 2006, p. 257-278. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 jul. 2011.

FINK, Bruce. O sujeito e o desejo do Outro. In: _____. **O sujeito lacaniano: entre linguagem e gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 71-92.

FREUD, Sigmund. Sobre a Psicoterapia. [1904/1905]. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1989. vol. 7.

_____. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia (dementia paranoides) relatado em autobiografia. [1911]. In: _____. **Observações psicanalíticas sobre um caso relatado em autobiografia (o caso Schreber): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)**. Vol. 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-107.

_____. Sobre o ensino da psicanálise nas universidades. [1919]. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1989, v. 17.

_____. Psicanálise e teoria da libido. [1923]. In: _____. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923) / Sigmund Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 273-308.

_____. A organização genital infantil (um acréscimo à teoria da sexualidade). [1923]. In: _____. **Obras Completas, volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 168-175.

_____. A dissolução do complexo de Édipo. [1924]. In: _____. **Obras Completas, volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 201-213.

_____. Sobre a sexualidade feminina. [1931]. In: _____. **O mal-estar na simbolização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 371-398.

_____. Novas conferências introdutórias à psicanálise. [1933]. In: _____. **O mal-estar na simbolização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 124-354.

GERBASE, Jairo. asexo [ualidade]. In: **X Jornada do Espaço Moebius**, 1999, Salvador. Disponível em: <http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/asexo_ualidade_coment%C3%A1rio.pdf>. Acesso em: 28 de out. 2009.

_____. O poder do grande Outro. **Cogito**, Salvador, v. 11, out. 2010, p. 26-28. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792010000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 jul. 2013.

GOYATA, Francisco José dos Reis. O gozo feminino, a erotomania e a eviração na psicose. **CliniCAPS**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, abr. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-60072008000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 ago. 2011.

KEHL, Maria Rita. Apresentação. In: _____. **Deslocamentos do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 2008. p. 9-14.

_____. É tudo psicanálise. In: _____. **Deslocamentos do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 2008. p. 255-258.

LACAN, Jacques. **Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade**. [1932]. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelado na experiência psicanalítica. [1949]. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 96-103.

_____. Nota sobre a criança. [1969]. In: _____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 369-368.

_____. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. [1953]. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 238-324.

_____. Introdução do grande Outro. [1954/1955]. In: _____. **O Seminário, Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 296-311.

_____. **O Seminário, livro 3: As psicoses**. [1955/1956]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

_____. Resposta ao comentário de Jean Hypollite sobre a “Verneinung” de Freud. [1956]. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 383-401.

_____. A instância da Letra no inconsciente ou a razão desde Freud. [1957]. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 496-533.

_____. De uma questão preliminar a todo tratamento a todo tratamento possível da psicose. [1957/1958]. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 537-590.

_____. **O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente**. [1957/1958]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. p. 149-165.

_____. A significação do falo. [1958]. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.692-703.

_____. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. [1960]. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.734-748.

_____. A Excomunhão. [1964]. In: _____. **O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 9-22.

_____. O Sujeito e o Outro (I): A Alienação. [1964]. In: _____. **O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 193-204.

_____. Deus e o gozo D'Mulher. [1972/1973]. In: _____. **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 87-104.

_____. Letra de uma Carta de Almor. [1972/1973]. In: _____. **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 105-120.

_____. O Aturdido. [1973]. In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 448-497.

MALEVAL, Jean-Claude. La emergência de La mujer. In: _____. **La forclusión del Nombre del Padre: el concepto y su clínica**. Buenos Aires: Paidós, 2009. p. 295-312.

MARCOS, Cristina. Figuras da maternidade em Clarice Lispector ou a maternidade para além do falo. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982007000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 jul. 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982007000100002>.

MELMAN, Charles. **Será que podemos dizer, com Lacan, que a mulher é o sintoma do homem?**. Rio de Janeiro: Tempo Freudiano Associação Psicanalítica, 2005.

_____. A função das mães nos dias de hoje. In: _____. **A prática psicanalítica hoje**. Rio de Janeiro, 2008, p. 129-150.

MEZAN, Renato. Pesquisa em Psicanálise: algumas reflexões. **J. psicanál.**, São Paulo, v. 39, n. 70, jun. 2006, p. 227-241. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 jul. 2011.

NOGUEIRA, Luiz Carlos. A pesquisa em psicanálise. **Psicologia USP**, São Paulo, 2004, v. 15, n. 1-2, p. 83-106. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n1-2/a13v1512.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2008.

NOVAES, Cynara Sodré Araújo. **A mãe da humanidade**: elaborações sobre o diagnóstico orientado pela psicanálise. 2009. 50 f. Monografia (Especialização, sob a forma de residência, em Psicologia Clínica e Saúde Mental). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

POLLO, Vera. A paranóia e o saber. In: QUINET, Antonio (org). **Na mira do Outro: a paranóia e seus fenômenos**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002. p. 93-104.

QUINET, Antonio. Psicose: uma Estrutura Clínica. In: _____. **A Teoria e Clínica da Psicose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 3-29.

_____. Os outros em Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

RIBEIRO, Cynara Teixeira. **O tratamento para usuários de drogas em uma instituição orientada pela redução de danos**: perspectivas a partir da psicanálise. 2012. 187 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAURET, Marie-Jean. A pesquisa Clínica em Psicanálise. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 14, n. 3, 2003, p.89-104. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642003000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 jul. 2011.

SCHREBER, Daniel Paul. Experiências pessoais durante a primeira doença nervosa e início da segunda. [1842-1911]. In: _____. **Memórias de um doente dos nervos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 53-60.

SOLER, Colette. Que diz dela o inconsciente?. In: _____. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 25-38.

_____. A mãe no inconsciente. In: _____. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 87-97.

_____. A angústia da mãe. In: _____. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 98-103.

_____. A psicose: uma problemática. In: _____. **O inconsciente a céu aberto na psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 11-22.

_____. O trabalho da psicose. In: _____. **O inconsciente a céu aberto na psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 185-192.

VORCARO, Ângela. Transmissão e saber em psicanálise: (im)passes da clínica. **Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba**, Curitiba, n. 20, p. 31-52, 2010.

URPIA, Ana Maria de Oliveira. **Tornar-se mãe no contexto acadêmico**: narrativas de um self participante. 2009. 200 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009. Disponível em: <http://www.pospsi.ufba.br/Ana_Maria_Urpia.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2011.

ZALCBERG, Malvine. (2007). A função eminente do amor na mulher. In: _____. **Amor paixão feminina**. Rio de Janeiro: Elsevier. p. 1-30.

_____. O medo de perder o amor é bem feminino. In: _____. **Amor paixão feminina**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. p. 31-60.